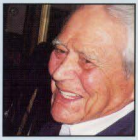
Lei nº 43/99
O processo de pacificação

Cuba
Em terras de rumba e de salsa

referencial

Boletim da Associação 25 de Abril ■ Director: Pedro Pezarat Correia ■ Nº 72 ■ Julho – Setembro 2003



Emídio Guerreiro e Fernando Vale

Duas vidas em três séculos

Págs. 8 a 17

9 Setembro 1973

Festa no Monte do Sobral

cartas de Abril

Este espaço é especialmente dedicado aos leitores. As cartas devem conter claramente a identificação e morada do seu autor. O Referencial reserva-se o direito de omitir a identificação se para tal for solicitado e de, por razões de espaço, editar (ou não) a correspondência recebida, na íntegra ou parcialmente.

Dois despachos exemplares do fascismo

A MINHA propensão para remexer nos baús da história conduziu-me ao conhecimento de dois documentos os quais não me dispenso de trazer ao seu conhecimento e de, através de *O Referencial*, os divulgar junto dos seus leitores. Como verificará, constituem dois exemplos do modo como os senhores do fascismo se arrogavam no direito de punir militares por alegadas faltas que, sobretudo, deveriam cobrir de vergonha os próprios punidores.

Ora leiam:

«1. Puno o major de Infantaria José Moraes Baptista, do Regimento de Infantaria n.º 11, com cinco dias de prisão disciplinar agravada, porque, no dia 11 de Fevereiro de 1919, sendo segundo comandante do Batalhão de Ciclistas nº 1 (desactivado), ao desfilar com a sua unidade no Campo Grande, caiu com a bicicleta que montava, por falta dos mais elementares dotes de perícia, tendo motivado a queda de três colunas de ciclistas que o seguiam, do que resultou grande confusão, além de prejuízos avultados no material e ferimentos pessoais, o que foi desprestigiante para o Exército e ofuscou o brilho que se pretendia dar a uma cerimónia pública que se destinava a festejar a vitória na Guerra e a que assistiam membros do Governo da República e do corpo diplomático acreditado em Lisboa.

2. As despesas com os prejuízos deste acidente serão processadas

pela verba "Despesas excepcionais resultantes da guerra".

Paços do Governo da República, 11 de Agosto de 1919, o ministro da Guerra Hélder Armando dos Santos Ribeiro».

E o segundo despacho a que acima aludi, reza assim: «Puno com cinco dias de prisão disciplinar o senhor capitão de Infantaria Carlos de Figueiredo Delfino, do R.I. n.º 11 e a prestar serviço no Escola do Exército porque se mostrou pouco exigente na apreciação da honorabilidade da pessoa com quem pretendeu casar e pouco escrupuloso na organização do respectivo processo de casamento, que se teria efectuado se não fosse a intervenção e o conselho de alguns camaradas seus. Infringiu os deveres n.ºs 16 e 45 do art.º 4.º do R.D.M. Em Março de 1957, o subsecretário de estado do Exército».

Leitor identificado
Lisboa

Delegação Norte acessível na Web

A DELEGAÇÃO do Norte da Associação 25 de Abril, com sede nas Escadas do Barredo 120, r/c, esq., no Porto, pode ser visitada através da extensão delegacoes_norte do site www.25abril.org .

De recente construção, esta página informa sobre a localização da sede e o âmbito da Delegação do Norte, que completará 20 anos no próximo dia 31 de Janeiro, bem como sobre a existência do Centro de Documentação Abril e Liberdade, cujo acervo documental será em breve objecto de divulgação.

Considerando a importância desta entidade enquanto referência para o sistema democrático e polo de reflexão no quadro do movimento social, apela-se à participação dos sócios dos distritos de Braga, Bragança, Porto, Viana do Castelo e Vila Real na dinâmica associativa.

DELEGAÇÃO DO NORTE

LOCAL

A sua Sede situa-se na cidade do Porto, no Centro Histórico, próxima da Ponte de D. Luís I, na encosta entre a Sé e a Ribeira.

Para aceder ao local tem duas alternativas:

- Entrar pelo Terreiro da Sé, descendo as escadas que começam nas traseiras do Paço Episcopal, percorrendo as Escadas do Barredo até encontrar o número 120.
- Outra possibilidade é a de, na Ribeira, subir no elevador da Lada, tendo no final um portão que, através de uma escadaria interior, lhe permitirá o acesso às nossas instalações.

Captura de imagem do sítio www.25abril.org

editorial

Futuro

Este número de *O Referencial* é, acima de tudo, dedicado a jovens.

Aos jovens capitães que em 9 de Setembro e 1973, em Alcáçovas, se reuniram iniciando um processo de revolta contra o passado e virado para o futuro e que em 9 de Setembro de 2003, trinta anos volvidos, regressaram ao lugar não apenas para recordar mas para reafirmarem o empenhamento na construção desse mesmo futuro, porque o fazem integrados numa instituição, a A25A, cujo espírito assenta no culto desse objectivo.

Mas também aos jovens Emídio Guerreiro e Fernando Vale, os sócios da Associação com mais anos vividos, seus únicos sócios de honra vivos, com os quais retomámos o propósito iniciado no n.º 67 de trazer ao convívio dos nossos leitores figuras da A25A que merecem ser conhecidas. Nas páginas que se seguem comprovar-se-á esse mérito e compreender-se-á porque lhes chamamos jovens. Seria impensável que homens com 104 e 103 anos de idade, que não só atravessaram o período apaixonante de todo o século XX como participaram activamente nos acontecimentos que o enriqueceram, não se demorassem a reviver o passado. Mas o que é notável é que o fazem com a perspectiva de um futuro de que não se alheiam, quando se envolvem na fundação de obras de solidariedade social, se preocupam com o aperfeiçoamento da liberdade conquistada e com os direitos da mulher, com a globalização e o humanismo, quando continuam a alimentar a esperança num mundo melhor. É compensador este exemplo de juventude e lucidez numa época em que se constata que para tantos de gerações mais novas a modernidade passa pela rejeição de valores, pela arrogância da exclusiva invocação do pragmatismo e da competição, pela sobranceria com que se olham aqueles que pensam que política sem ideologia e sem solidariedade se resume à ambição mesquinha pelo poder.

Já neste espaço citei, em tempos, uma frase que li algures e que me sensibilizou, segundo a qual «É-se velho quando se tem mais memória do que projecto, é-se jovem quando se tem mais projecto do que memória». Juan Clemente Zamora no seu clássico *O processo histórico* complementa este pensamento quando escreve que «inovar é o direito da juventude, preservar é o privilégio da velhice. Só a síntese destas duas tendências torna possível o progresso» (p. 110).

Emídio Guerreiro e Fernando Vale, mas também os capitães de Abril, cultivam a construção do futuro assumindo um passado de que se orgulham e ajudaram a edificar. Por isso são jovens, com esperança, assente numa experiência que lhe serve de referência. Invocando Zamora, são artífices do progresso.

referencial

Propriedade: Associação 25 de Abril
Pessoa colectiva de utilidade pública (Declaração n.º 104/2002, DR-II Série, n.º 91 de 18 de Abril)

Presidente da Direcção:
Vasco Lourenço

Director:
Pedro Pezarat Correia

Editor:
José António Santos

Colaboradores:
Artur Custódio da Silva,
David Marteio, Fernando da Vaza Pinheiro, João Magalhães,
José Barbosa Pereira, José Fontão,
Luís Galvão (Bridge),
Luís Vicente da Silva (cartoon),
Manuel Loff, Maria Manuela Cruzeiro, Nuno Fisher Lopes Pires,
Nuno Santa Clara Gomes

Sede nacional, Administração e Redacção
Associação 25 de Abril
Rua da Misericórdia, 95
1200-271 Lisboa
Telf.: 21 324 14 20
Fax: 21 324 14 29
E-mail: a25a.sec@25abril.org

Delegação Norte
Escadas do Barredo, 120 R/C Esq.ª
4050-092 Porto
Telf./Fax: 22 203 11 97
E-mail: a25a_norte@hotmail.com

Delegação Centro
Apartado 3041
3000 Coimbra

Delegação do Alentejo
Bairro da Esperança, Edifício 2,
Bloco 3 - loja, r/c
7560-145 Grândola

Delegação do Canadá
153 Hamilton St
Toronto-Ontario M4M 2C9

Execução Gráfica
Narciso Correia Artes Gráficas, Lda.
Rua Ferreira Chaves, 2-A e 12-A
1070-127 Lisboa
Telf.: 21 388 26 29
Fax: 21 383 26 78

Tiragem: 4000 Exemplares

Distribuição gratuita

Depósito legal n.º 32 998/89

Comemoração

Reencontro em Alcáçovas 30 anos depois da revolta

Fernando Farinha

O paraquedista *cameraman* Adriano Ventura «caiu» entre os convidados no sítio, onde há 30 anos, estiveram reunidos

OITO SALTOS de paraquedistas iluminaram os rostos nostálgicos de uma centena de militares de Abril reunidos no Monte do Sobral, em Alcáçovas. Ali estavam para reviver a reunião da revolta corporativa de 9 de Setembro de 1973, no «monte da revolta» como alguns lhes chamaram e que, no dizer simples de Vasco Lourenço, se tratou afinal do primeiro plenário de militares (capitães e oficias subalternos) e que os historiadores com propriedade poderão confirmar como a reunião fundadora ou constitutiva do Movimento das Forças Armadas.

Entre os militares presentes lá estavam alguns dos principais organizadores do encontro de há 30 anos: Vasco Lourenço, Marques Júnior, Dinis de Almeida. O monte da herdade está agora renovado para servir o agro-turismo. Daí que alguns dos presentes tivessem alguma dificuldade em identificar o local exacto onde se acolheram para conspirar. Dinis de Almeida foi o único capaz de apontar o sítio sem hesitações. As instalações que outrora serviam de palheiro e acomodavam a carroça que servira de mesa ao plenário dos militares davam lugar agora a uma unidade da herdade, onde se situa a recepção e a zona de apoio às cozinhas.

Pese embora o trabalho dedicado da organização do encontro promovido pela Delegação do Alentejo da A25A, a verdade é que não fora a colaboração das Câmaras Municipais de Évora, de

Fernando Farinha

Carmo Ventura, um sargento de Abril, foi o primeiro a pousar no Monte do Sobral

Santiago do Cacém, de Alcácer do Sal, de Grândola e da Junta de Freguesia de Alcáçovas e esta reunião poderia correr o risco de não passar de um encontro de saudosistas conspiradores.

De facto, a presença de instituições do Poder Local neste evento permitiu levá-lo até às populações que representam e pelo empenho dos seus autarcas fica assegurada a transmissão da memória histórica. Gesto simbólico do que aqui se afirma foi a largada de mil cravos lançados sobre a Praça do Giraldo, Évora, do avião que transportou os paraquedistas e a distribuição de *flyers* junto das populações.

Ao fim da tarde 9 de Setembro os olhares do Monte do Sobral procuram o Cessna 182 do Aero Clube Universitário de Lisboa que descolara de aeródromo de Évora e acabara de cruzar os céus de Alcáçovas. Observadas as normas de segurança para o salto de paraquedistas, nomeadamente a instalação da manga de vento e a presença de uma unidade móvel de bombeiros, do avião foram lançadas duas sondas para se aquilatar da orientação do vento e prepararem os saltos. Mais duas voltas sobre o alvo e eis que do avião, sucessivamente, saltam os quatro primeiros paraquedistas: Carmo Ventura (que foi sargento paraquedista de Abril), Valdemar Santos e Sandra Lavos desceram no local exacto onde caíram as sondas; Adriano Ventura, *cameraman* que filmou toda a operação,

Direitos reservados

Apesar de nos proporcionarem uma «Grande Farra», fomos muito comedidos

Depois de deambularmos tranquilamente à luz de um entardecer dourado, fomos ao jantar num bom ambiente, com um excelente e bem-humorado grupo musical a animar-nos. O programa prosseguiu, vejam bem, com uma passagem de modelos. Ainda dizem que Cuba não mudou!

Os dois dias que se seguiram fizeram-nos viver o passado colonial da Ilha, entre os esplendores barrocos de uma classe opulenta que vimos em Trinidad e a servidão simbolizada pela sinistra Torre Manaca Iznaga destinada a vigiar os escravos que trabalhavam nas plantações de cana do Valle de los Ingenios. Desse tempo falava a arquitectura em geral, a frescura e graciosidade dos pátios andaluzes, de um lado, os gradeamentos e a imagética pesada das igrejas, do outro.

Há nomes que nos caem no goto, como se costuma dizer. Era o caso da Finca Maria Dolores que nos prometia qualquer coisa de inusitado. Não foi tanto assim, se bem que o ambiente fosse agradável e o sítio bem bonito e arranjado. Talvez o corpo nos estivesse já a pedir uma boa «banhoca» de mar e assim acabaria o dia em Ancón, com alguma decepção, porque as aguas turvas não eram muito entusiasmantes, porque o jantar teve de ser disputado num certo frenesim turístico e porque o tempo começou a dar mostras de se afirmar no seu lado caprichoso.

Tudo ia decorrendo com animações musicais pelo meio e assim iríamos continuar na viagem que prosseguiu no dia seguinte para a cidadezinha de Remédios, simpática, acolhedora e que, coitada, só nos não deu remédio para o tempo. A visita à igreja, que teve um guia de conversa apaladada, trouxe-nos algumas surpresas, uma Nossa Senhora tão «embarajada» como a Senhora do Ó, uma santa com cara de homem e um Cristo pensador.

Nesta fase, visitamos o original museu instalado na composição ferroviária descarrilada no âmbito da operação de guerrilha em Santa Clara e o Memorial de «Che» Guevara de que já se falou. Encerrar-se-ia de forma aprazível no Hotel Los Caneyes, um espaçoso recinto de residências dispersas rodeadas de árvores, de palmeiras, de maciços florais e trepadeiras que só tivemos pena de deixar tão apressadamente no dia seguinte.

Aquele era de facto o sítio mágico para a festa dos quinze anos da Glendiz Trimiño, uma

Direitos reservados

Os quatro dias em Havana souberam a pouco

encantadora jovem do povo vestida de branco como uma noiva e que ali comemorava o dia mais importante da vida de qualquer cubana, um costume de sabor pagão bem interessante. Por isso a fotografamos e assim ficou na nossa memória, como já tinha ficado uma outra em Havana, lindíssima, de traje também vistoso e rubro.

Varadero, a girândola final. A Varadero todos vão varar e nós também, porém, ao contrário dos vinte quilómetros de praias ensolaradas dos cartazes turísticos, desfilamos quase até ao fim dos seus quarenta hotéis, fustigados por um tempo agreste e ventoso.

Íamos destinados ao Hotel Arenas Doradas, imagem sugestiva que nos trazia presos pelo beicinho e, quando nos mudaram para o Coralia Club Playa de Oro, um nome que parecia um comboio de mercadorias, houve quem contestasse.

Após aquela chegada de mau tempo e controvérsia, a verdade é que fomos sendo conquistados pelos espaços amplos e pelo serviço que nos prestavam com toda a alimentação e bebidas à descrição. Por fim, correndo que o hotel pertencia ao grupo Amorim, já enchíamos o peito mal lembrados de que o capital não tem pátria ou, pior ainda, terá só uma.

Apesar de nos proporcionarem uma «Grande Farra», a verdade é que fomos muito comedidos e os empregados do bar, habituados a estrangeiros que não davam tréguas à garrafeira, de tanto café que bebíamos, alertavam-nos para o perigo de ficarmos com a pele tão escura como a deles.

O que perdíamos nos copos, ganhávamos em passeatas. No intervalo das «banhocas» que tiveram de se ajustar à meteorologia, fizemos circuitos em tudo quanto se mexia e nos dava assento, charretes, autocarros panorâmicos, trens rebocados e até «cocos», aqueles triciclos semi-voadores que por lá andavam.

O S. Pedro viu que nem o mau tempo nos desanimava e mudou de ideias, contemplando-nos com um final de festa em fato de banho e uns mergulhos, como que a dizer, voltem cá que isto é mesmo bom. Afinal o Fidel não está assim tão mal visto lá em cima e por isso o Papa lá foi.

Entre o viajar e a paródia foi nascendo a camaradagem, assim como a amizade. Um grupo com mais de trinta pessoas, em que poucas se conheciam entre si, foi bom exemplo de como se convive e se criam aqueles laços profundos que são o sal da vida. Um final feliz.

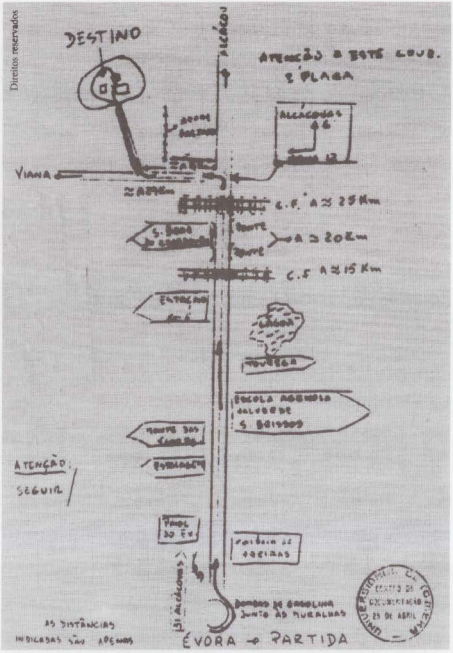
Declaração de Amor. Não será por acaso que a Palmeira Real, aprumada e altiva, se diz símbolo de Cuba, como também se diz da Mariposa, uma flor branca e viçosa. Na verdade, nem o facto de ser, há várias décadas, um país acossado, nem os seus problemas e dificuldades lhe tiram a energia vital, o fascínio e a dignidade.

Se pudéssemos beijá-la como o príncipe à Branca de Neve, todos o faríamos, cada um à sua maneira, para a vermos desperta, ainda mais bela.

Que quer isto dizer... a não ser Amor ?

Hasta Siempre. ■

Direitos reservados



presenteou os presentes com uma aterragem no local onde todos se concentravam – à porta das instalações onde há 30 anos se reuniram. O Cessna voltou a Évora para transportar o segundo grupo de salto. E os céus do Monte do Sobral tomaram de novo as cores dos paraquedas de Carlos Faria, João Teles, Armando Contente e de Fernando Lavos, sendo que este último trazia consigo as bandeiras Nacional, da Câmara de Évora e da Associação 25 de Abril a drapejar ao vento da liberdade.

Adriano Ventura e Fernando Lavos falaram-nos do apreço de colaborarem com a Associação 25 de Abril na realização desta comemoração e dos sentimentos que unem pessoas tão diferentes à volta da alegria de «voar» e da prática do paraquedismo civil/desportivo. Fernando Lavos é proprietário do Centro de Paraquedismo Lavos (Palmela) onde conta com a colaboração da sua filha Sandra Lavos que também saltou sobre o Monte do Sobral. Adriano Ventura descobriu a alegria do paraquedas com a «ternura dos quarenta», o que não o impede de somar já cerca de dois mil saltos e, talvez por isso, proclamar: «Só os paraquedistas sabem porque os pássaros cantam.»

Coube a Vasco Lourenço, presidente da Associação 25 de Abril agradecer a presença e colaboração de todos que tornaram possível a celebração daquele encontro comemorativo dos 30 anos da reunião de 9 de Setembro de 1973 em Alcáçovas.

Recordando as motivações que levaram 136 oficiais subalternos do Exército a estarem presentes naquele encontro, Vasco Lourenço apontou três grupo distintos: havia aqueles que eram movidos pelo espírito corporativo; outros que foram levados por amigos; e os que tinham já uma fundada consciência de que era preciso aproveitar a oportunidade para fazer algo.

Como salientou Vasco Lourenço, ao citar Carlos Camilo, a reunião de Alcáçovas foi «uma picadela no elefante». Uma picadela fatal pelo dinamismo gerado e cujo desfecho, todos os sabemos, culminou sete meses mais tarde com o 25 de Abril de 1974. ■

Fernando Farinha

Fernando Farinha

Em cima, *fac-smile* do croqui que há 30 anos serviu de guia aos oficiais para chegarem ao monte em Alcáçovas. Marques Júnior troca recordações com camaradas. Ao lado, um pormenor das placas que fazem memória no Monte do Sobral

Uma Comissão de Apreciação analisa os casos de requalificação e dá parecer sobre a sua conformidade com a lei

Lei n.º 43/99

O processo de pacificação

VASCO CORREIA LOURENÇO

ALGUMAS INTERVENÇÕES públicas (umas críticas, outras favoráveis) sobre a aplicação da Lei n.º 43/99, justificam que recordemos as principais acções de um processo de pacificação, que se vem realizando há algum tempo, direi mesmo, durante estes últimos 29 anos, pacificação que só estará completa quando todas as áreas forem abrangidas. E que a Lei n.º 43/99 será mesmo o último desses actos.

1. Após o 25 de Abril de 1974, procedeu-se à análise dos *corpos de oficiais*, no sentido de definir quais os que não tinham condições para continuar nas Forças Armadas.

Foi o processo que ficou conhecido como o dos saneados.

Com base na análise feita por comissões eleitas (por *todos* os oficiais, incluindo os que viriam a ser saneados), foram passados compulsivamente à situação de reserva alguns desses oficiais. Outros foram *congelados* nos postos que então possuíam.

Mais tarde (1984), houve legislação que anulou os saneamentos, tendo sido automaticamente promovidos aos postos que teriam entretanto atingido, se não tivessem sido saneados e cumprissem uma carreira normal, todos os oficiais que haviam sofrido as consequências daquela medida.

2. Como se sabe, existiram no chamado PREC três situações de iminente confronto entre os militares do MFA. O 28 de Setembro (1974), o 11 de Março (1975) e o 25 de Novembro (1975). Os que se envolveram nos dois primeiros viram, de uma maneira geral, ultrapassadas as consequências negativas que esse envolvimento poderia ter causado à sua carreira militar. Os que se envolveram na terceira, a que há que juntar muitos outros cujo «crime» foi apenas o de se manterem fiéis ao espírito e aos valores de Abril, apenas foram sujeitos a uma tentativa de *reposição da justiça* em 1999, mas levada a efeito só em 2002 e 2003. Tentativa esta que, aliás, incluía os envolvidos nos dois primeiros processos e que não haviam sido totalmente abrangidos anteriormente.

Poderão ter existido alguns oportunismos a que a Comissão deu cobertura, como existem casos que justificam a aplicação da Lei

3. Em 2000 foi aprovada pela Assembleia da República legislação que foi ao encontro das pretensões dos oficiais dos Q. P. oriundos do Q. C. (o velho problema dos ex-milicianos, que esteve na origem da criação do Movimento dos Capitães, em Agosto de1973…).

Em consequência, foram automaticamente promovidos todos os oficiais, de acordo com a nova antiguidade, em comparação com os restantes oficiais dos Q. P. oriundos de cadetes da Academia Militar, independentemente do tipo de carreira militar e dos respectivos méritos profissionais, que os ex-milicianos desenvolveram.

4. Em 1999 a Assembleia da República (e não o ex-ministro Veiga Simão) aprovou – quase por unanimidade – legislação que visa a reposição das carreiras dos militares que, de uma forma ou outra, viram as mesmas prejudicadas e/ou alteradas, devido ao seu envolvimento no processo de derrube da ditadura e implantação da democracia em Portugal. Independentemente das posições político-militares e/ou ideológicas que cada um assumiu.

Para o efeito, foi nomeada uma Comissão de Apreciação que iria analisar cada um dos casos e daria parecer sobre os mesmos.

Não haveria, como não tem havido, qualquer consequência automática, derivada directamente da publicação da legislação.

Era, portanto, a única situação em que cada caso iria ser, individualmente, apreciado por uma comissão composta por oficiais das Forças Armadas e nomeada pelo ministro da Defesa Nacional

Não iremos dissecar os resultados dessa Comissão de Apreciação, até porque pode sempre discordar-se de algumas das suas decisões. Com efeito, também pensamos que poderão ter existido alguns oportunismos, a que a referida Comissão deu cobertura, como existem outros casos que justificam totalmente a aplicação da Lei 43/99 e em relação aos quais não se vislumbra uma decisão favorável da referida Comissão...

O que não invalida que este seja, de todos, o processo mais rigoroso e que menos injustiças provoca. ■

Contradições

Terra sem oliveiras

MÁRIO VENTURA

O fogo também destruiu trinta das minhas oliveiras centenárias, plantadas num pequeno rectângulo de solo endurecido pelos calores alentejanos. Durante horas, uma combustão lenta, teimosa como uma chaga, demoliu interiormente aqueles troncos grossos e nodosos, assim como os sinais de uma safra que se adivinhava abundante, deixando apenas em precário equilíbrio a rija capa exterior de umas árvores que foram criadas para resistir a tudo, excepto ao fogo. Durante séculos, aquelas forças da natureza cumpriram a missão de alimentar a candeia e temperar o prato, e foram, na sua riqueza sem alardes, um consolo para os olhos de camponeses bisonhos que só amavam a terra e tudo o que dela brotava. Para mim, eram como monumentos-testemunhas de uma história longínqua, sobre a qual nada diziam, mas que evocavam com a sua simples presença. Já lá estavam quando as primeiras naus partiram para a Índia, e aí permaneceram, indiferentes aos caprichos da História e aos desvarios dos homens, afirmando a sua força na idade que só o tronco revelava.

Dizem-me que os proprietários das oliveiras queimadas vão ser indemnizados, por certo de forma mais simbólica do que real, já que não existe preço justo para um bem que deixou de produzir. Há no entanto uma certa ironia patética nesta medida. Alguns anos atrás, os fundos da União Europeia serviam para compensar os agricultores que se dispusessem a arrancar os seus olivais, em nome não sei de que reordenamentos ou interesses económicos nada compreensíveis. Houve muitos que aceitaram a proposta, e a riqueza oleícola do país reduziu-se assim de forma considerável, sem qualquer utilidade ou vantagem para o futuro da agricultura. Agora, as oliveiras arderam, e lá vêm outra vez os fundos da UE, desta vez para compensar farisaicamente os prejuízos sofridos. O efeito é o mesmo, pois não se acredita que haja um agricultor suficientemente optimista capaz de investir o montante da sua indemnização no plantio de novas oliveiras, numa terra onde já não são desejadas...

Esta história não teria relevância, se não fosse o facto de ser exemplar da decadência a que está sujeita a nossa economia, e em particular a agricultura. Vivemos num país de duas paisagens, Lisboa e o resto, em que a primeira nem de longe se apercebe do que ocorre na segunda. A situação de Portugal, depois dos fogos de Agosto, configura uma situação de calamidade futura, que os políticos irresponsáveis e os técnicos incompetentes nem de longe pretendem aflorar. E a tragédia já desapareceu dos meios de informação, o que é também um sinal de subdesenvolvimento mental e oportunismo comercial. Quanto aos prejuízos imediatos, ainda bem que há uns dinheiros da Europa, que não nos deixam perder o sono.

Fotografia: LPC

Durante séculos estas forças da Natureza alimentaram a candeia e temperaram o prato

Mas a verdadeira tragédia, quem a sente são aqueles que lá vivem e a sofrem na pele, porque perderam o fruto de uma vida de trabalho, e talvez tenham de optar por mudar de vida. E o mudar de vida, na nossa terra, ainda hoje passa fatalmente pela emigração, que é outro sinal do nosso persistente subdesenvolvimento. E a agricultura vai continuar a empobrecer, se é que não desaparece de todo, como muitos sabem, mas quase todos se empenham em ocultar. E depois, que importa, se num hipermercado bem perto de si encontra vegetais e frutas de todo o mundo... menos de Portugal? Já agora, termino com um apelo: vejam se dos dinheiros da União Europeia sobra algum para aquela corporação de bombeiros do distrito de Bragança, cujo corpo activo esteve sempre a postos para acorrer aos incêndios, mas que nunca chegou a sair do quartel por não dispor de material circulante... ■

Fernando Farinha

No final do almoço, o jovem aniversariante visivelmente emocionado comparou o 25 de Abril ao 1 de Dezembro

Emídio Guerreiro, 104 anos

O último revolucionário

AOS 104 ANOS, Emídio Guerreiro passa os dias no Centro de Solidariedade Humana Prof. Emídio Guerreiro, em Guimarães. Trata-se de uma unidade exemplar, inaugurada em 24 de Junho de 1996, construída com subsídios oficiais e um valioso donativo do próprio que dá o nome à instituição. Situa-se na zona envolvente do Castelo de Guimarães e dispõe de 16 quartos individuais e 10 duplos, todos com casa de banho privativa; amplas salas de jantar e de lazer e um espaço exterior relvado e harmoniosamente arborizado, propício à interioridade e ao descanso. Esta estrutura faz parte do património da Santa Casa da Misericórdia de Guimarães e integra-se no seu plano de acção social.

É aqui que Emídio Guerreiro vive com a sua esposa, D. Alice. Uma vida vivida e sentida com a intensidade que sempre o acompanhou nos três séculos do tempo por ele atravessado (ver *Marcos de uma vida*).

A casa está marcada pela personalidade e pelo seu carisma. A expressão «lar», habitual neste tipo de estabelecimentos, foi definitivamente esconjurada e substituída pela expressão «solidariedade», uma das divisas deste último revolucionário romântico.

No dia 6 de Setembro completou 104 anos e à sua volta reuniu amigos que o homenagearam com um almoço em sua honra, na Pousada de Santa Marinha da Costa em Guimarães. Mas, a grande surpresa do dia, nesse final de tarde, reservara-a o próprio Emídio Guerreiro para os seus amigos.

Após o repasto, a todos convidou a deslocarem-se à sua casa para com ele procederem à inauguração dos seus santos. E que lição tinha o professor Emídio Guerreiro reservada para os seus amigos? Revelar-lhes a face e os nomes de personalidades que o marcaram e de algum modo têm inspirado a sua vida.

Nas paredes da ampla sala de jantar do Centro de Solidariedade Humana Prof. Emídio Guerreiro foram descerrados dez bustos saídos do cinzel do escultor Rui Vasquez. Foi o próprio Emídio Guerreiro que idealizou a obra, a encomendou e pagou.

Fernando Farinha

Emídio Guerreiro autografa a sua biografia, da autoria do jornalista Encarnação Viegas

Vasco Lourenço recordou que a libertação do 25 de Abril só foi possível porque alguns portugueses como Emídio Guerreiro contribuíram para isso

Fernando Farinha

romântico

Rodeado de convidados, no centro da sala, pediu a alguns amigos que fossem descerrando os bustos. E, à medida que as carantonhas iam ficando libertas dos véus que as envolviam, o professor em voz firme e bem timbrada discorreu sobre o nome e os feitos da figura que o inspirava. Uma lição memorável que os presentes não esquecem. (Ver *Santos de Guerreiro*). Uma lição de abertura de espírito e de espaço à cultura manifestada pela própria Mesa da Santa Casa da Misericórdia de Guimarães que não teve a menor dúvida em apoiar e autorizar esta iniciativa do professor e de acolher entre as suas paredes os bustos destes vultos da História: Leonardo da Vinci, René Descartes, Galilei Galileo, Isaac Newton, Albert Einstein, Charles Darwin, Guiseppe Verdi, Amadeus W. Mozart, Luís Vaz de Camões e Vítor Hugo. Trata-se da primeira vez na história das misericórdias em Portugal que alguma destas instituições acolhe uma iniciativa desta natureza.

Entre os bustos dos homens de ciência, da música e das letras ali expostos, Emídio Guerreiro escolheu Charles Darwin, quando lhe perguntaram qual deles era o seu preferido. Parco em explicações para tal preferência diria tratar-se de «um grande pensador» onde, por certo, ao longo da sua vida foi beber inspiração e fundamento para muitas das suas convicções.

A terminar a cerimónia, o Quarteto de Saxofones da Escola Valentim Moreira de Sá, de Guimarães, interpretou algumas peças do seu repertório em honra do professor Emídio Guerreiro.

No dia 6 de Setembro completou 104 anos e à sua volta reuniu amigos que o homenagearam com um almoço em sua honra, na Pousada de Santa Marinha da Costa em Guimarães. Mas, a grande surpresa do dia, nesse final de tarde, reservara-a o próprio Emídio Guerreiro para os seus amigos. Após o repasto, convidou-os a deslocarem-se à sua casa para com ele procederem à inauguração dos seus santos. E que lição tinha Emídio Guerreiro reservada para os amigos? Revelar-lhes a face e os nomes de personalidades que o marcaram e de algum modo têm inspirado a sua vida

Fernando Farinha

O presidente da A25A ofereceu a medalha comemorativa dos 29 anos da revolução

Fernando Farinha

O representante do GOL anunciou para 5 de Outubro a homenagem nacional que está a ser preparada para Emídio Guerreiro e Fernando Vale

Emídio Guerreiro, 104 anos

O último revolucionário româ

Almoço. Ao fim da manhã começaram a chegar os amigos à Pousada de Santa Marinha da Costa, no alto da colina debruçada sobre a cidade de Guimarães.

No pátio interior da pousada, uma brigada da «Tertúlia da Velha», composta por quatro caixas, fez rufar as carneiras dos instrumentos à voz do mestre-de-cerimónias que, em nome dos presentes, assim disse: «Seja bem-vindo senhor professor, saúda-vos esta brigada, vamos tocar a primor, saudando a vossa chegada.»

(S. Nicolau é o patrono dos estudantes de Guimarães, daí o nome das festas da academia – festas nicolinas; e do epíteto aos alunos locais designados por nicolinos. Emídio Guerreiro estudou no liceu de Guimarães, sendo por isso também ele próprio um nicolino. A presença no almoço de antigos alunos de Guimarães naturalmente impôs o espírito nicolino, tão do agrado do professor Emídio Guerreiro.)

Aos brindes, entre as dezenas de pessoas presentes, usaram da palavra representantes de várias instituições. A primeira intervenção coube ao presidente da Assembleia Municipal de Guimarães que pediu ao professor Emídio Guerreiro: «nunca se deixe envelhecer». O representante da Associação dos Antigos Estudantes do Liceu de Guimarães desatacou «a grande humanidade» e o espírito de «tolerância» do homenageado. Depois de usaram da palavra delegados da Irmandade de S. Nicolau e do Grupo Desportivo «Os Amigos de Urgeses», falou o presidente da Associação 25 de Abril. Na ocasião Vasco Lourenço disse que «a libertação do 25 de Abril só foi possível porque alguns portugueses contribuíram para isso». Nesse sentido, sublinhou, «hoje queremos agradecer ao professor Emídio Guerreiro a circunstância de pelo exemplo da sua vida e da sua luta nos ter ajudado a criar condições para que nós pudéssemos derrubar o fascismo em Portugal».

O presidente da Câmara Municipal de Fafe recordou a sessão solene do último 25 de Abril celebrado no seu município. O professor Emídio Guerreiro era o orador convidado. «Tínhamos

Fernando Farinha

A Tertúlia da Velha saudou a chegada do aniversariante à Pousada de Santa Marinha

Fernando Farinha

Clarinda Veiga Pires recordou a amizade e as cumplicidades de mais de 40 anos

Fernando Ferreira

ntico

No pátio interior da pousada, uma brigada da «Tertúlia da Velha», composta por quatro caixas, fez rufar as carneiras dos instrumentos à voz do mestre-de-cerimónias que, em nome dos presentes, assim disse: «Seja bem-vindo senhor professor, saúda-vos esta brigada, vamos tocar a primor, saudando a vossa chegada.»

reservado apenas 12 minutos para a sua intervenção, e encerrar uma cerimónia cansativa que já levava mais de duas horas, com muitos discursos e homenagens. O professor Emídio Guerreiro falou durante 58 minutos e, apesar da hora já ir tardia, na sala não se ouvia o barulho de uma mosca tão presa toda a assistência estava das palavras do orador.» Depois de usar da palavra o delegado do PSD de Guimarães, foi a vez do representante do grão-mestre do Grande Oriente Lusitano (GOL) evidenciar o facto de o professor Emídio Guerreiro nunca ter sido na sua vida um entusiasta do politicamente correcto, mas ao contrário «guiou-se sempre pela sua consciência e, por isso, é um exemplo para todos nós». O orador aproveitou a ocasião para anunciar a homenagem nacional que o Grande Oriente Lusitano fará no próximo dia 5 de Outubro, em Coimbra, ao professor Emídio Guerreiro e ao Dr. Fernando Vale a quem, segundo *O Referencial* apurou, vão ser atribuídos o recém-criado Grande Colar do GOL.

Um amigo da Figueira da Foz trouxe cravos vermelhos para Emídio Guerreiro, e o matemático Paulo Almeida revelou o segredo da longevidade

Marcos de uma vida

06.09.1899 – Nasce numa casa da Rua de São Dâmaso, em Guimarães
1906 – Entra na escola primária.
1991 – Inscreve-se no Liceu de Guimarães.
1913 – Entra no Colégio do Padre José Maria, em Guimarães.
1916 – Oferece-se como voluntário para o Exército.
1918 – No Regimento de Infantaria 20, participa num movimento conspirador contra Sidónio Pais.
1921 – Matricula-se na Universidade do Porto. Inscreve-se, primeiro, no curso de engenharia, de onde transitará para a Faculdade de Ciências.
1926 – Como bacharel, exerce funções docentes em Cernache do Bonjardim.
1927 – Participa na revolta do Porto, a 3 de Fevereiro, contra a ditadura militar.
Finais 1927/começo de 1928 – Inicia-se na Maçonaria do rito francês onde ingressou pela mão dos irmãos Carlos e Mário Cal Brandão, deslocando-se então a Coimbra, à loja maçónica «Revolta», que havia sido fundada em 1923 por Fernando Vale, para adquirir a formação necessária à constituição de uma célula do mesmo tipo na cidade do Porto, onde aliás acabaria por fundar a loja «Comuna» em finais de 1929.
03-02-1927 – Com uma Companhia de Caçadores 9 do Porto trilha o caminho dos heróis de 31 de Janeiro de 1891
21-09-1931 – Nomeado assistente extraordinário para Matemáticas da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.
1932 – É preso no Porto e torturado pela polícia, após a distribuição de um comunicado onde convidava os portuenses a receberem Óscar Carmona «com merda às mãos-cheias». É depois transferido para o Aljube, em Lisboa.
03-04-1932 – Evade-se da Cadeia do Aljube em Lisboa e refugia-se em Espanha.
1933 – Fixa-se em Madrid.
1936 – É professor de Análises Algébricas, no Colégio Gelmires, em Santiago de Compostela.
1937 – Estando em Vigo, onde se deslocara para efectuar uma conferência, é surpreendido pelo avanço dos exércitos franquistas. Correndo grandes riscos, devido aos massacres franquistas, consegue evadir-se e atinge por barco Gibraltar.
1938 – Regressa a Espanha para combater ao lado dos republicanos.
1939 – A vitória dos nacionalistas espanhóis obriga-o a refugiar-se em França. Trabalha como contramestre de direcção na Fábrica da Pólvora de Toulouse. Sem qualquer explicação é preso e internado num campo de concentração em Argéles-sur-Mer.
1940 – Consegue evadir-se do campo de concentração e dirige-se para Montauban. Entra na clandestinidade e procura entrar para a Resistência a que De Gaule apelava.
1942 – Nas forças de resistência volta à luta armada pela defesa da liberdade.
1944 – É conhecido na resistência como «capitão Hélio» vindo mais tarde a ser integrado nas Forças Armadas francesas com esse posto.
1946 – É colocado em Paris, como professor de Matemática.
1947 – Funda com outros companheiros de luta o Comité para a Defesa de Portugal.
1950 – Discursa por ocasião das comemorações do 5 de Outubro promovidas pela Federação dos Imigrantes Portugueses em França.
1954 – Salazar autoriza o seu regresso a Portugal, devido à doença de sua mãe. O Consulado português em França não lhe garante, no entanto, o regresso a este país, o que inviabiliza a viagem.
1958 – Em França participa em várias manifestações de apoio à candidatura do general Humberto Delgado à Presidência da República.
1959 – Adere à Frente Patriótica de Libertação Nacional. Lecciona a disciplina de Matemática no Liceu Paul Valery, em Paris, onde se manterá até 1963.
25-04-1964 – Numa confraternização de exilados políticos em Paris, Maria Lamas presta homenagem a Emídio Guerreiro a aponta-o como exemplo para servir de estímulo aos mais novos, ele que fora obrigado a uma ausência do seu país de mais de três décadas.
1965 – Em França, dinamiza uma campanha denunciando o assassínio do general Humberto Delgado, como um crime executado pela PIDE.
1966 – Participa na fundação da LUAR.
1967 – O Presidente da República espanhol, no exílio, confere-lhe o grau de comendador da Orden de la Liberacion de España. Em Paris, pronuncia uma conferência na Liga Portuguesa do Ensino e da Cultura Popular sobre a dialéctica das matemáticas.
25-04-1974 – A «Revolução de 25 de Abril» permite o regresso de Emídio Guerreiro a Portugal.
1975 – É eleito secretário-geral do Partido Social Democrático. Participa no combate ao chamado «gonçalvismo». Entra em ruptura com Sá Carneiro. Afasta-se do PSD no Congresso de Aveiro.
11-02-1976 – Com um discurso vibrante na Assembleia da República, quando a Assembleia Constituinte tinha já completado os seus trabalhos, rompe com Sá Carneiro e o PSD e anuncia a sua retirada da vida política activa.
1980 – A Presidência da República concede-lhe a comenda da Ordem da Liberdade.
1987 – O Estado francês distingue-o com a Cruz de Combatente Voluntário, na II Guerra Mundial.
1991 – É homenageado em Paris pela Association Nationale des Combatents Voluntaires de la Résistence.
1994 – Doa o seu espólio à Câmara Municipal de Guimarães
06-09-1999 – Comemora o seu centésimo aniversário.

Fernando Farinha

Edmundo Pedro com Emídio Guerreiro e a esposa num convívio pleno de juventude

Emídio Guerreiro, 104 anos

O último revolucionário

do homenageado: «Colocar sempre no horizonte a utopia.» Avisando que «hoje existem novas utopias» garantiu a seguir: «Nós cá estamos para continuar a sua luta.»

O presidente da Assembleia Municipal de Guimarães não hesitou em proclamar Emídio Guerreiro como «um mais queridos filhos da terra» e o presidente do executivo salientou o contributo que tem recebido de Emídio Guerreiro cuja colaboração tem revelado «um sábio conselheiro.»

O poeta A. Meireles Graça trouxe a rima temperada pela alma nicolina para entre outras, assim versejar: «Guerreiro – estás tramado/e ficas já a saber:/com esta malta a teu lado/mais anos tens de viver».

Antes de apagar o bolo de velas com três dígitos – 104 – Emídio Guerreiro proferiu sentidas palavras repassadas de amizade. A amizade, disse, é melhor do que o amor porque este às vezes trai, mas com ela, a amizade, isso nunca acontece.

Sem esconder uma ponta de emoção, Emídio Guerreiro deixou cair o olhar em direcção a Vasco Lourenço quando comparou o 25 de Abril ao 1 de Dezembro e falou da liberdade, dos direitos da mulher, do fim do exílio. «Se não houvesse 25 de Abril hoje não estaríamos aqui», sublinhou. Ao falar da sua vida lembrou a ditadura de Salazar e de Caetano e os tempos de 47 anos de fascismo, durante os quais foi obrigado viver 44 anos no exílio.

Uma vida cheia de aventuras, conspirações, lutas, revolução e algum romantismo não cabe nestas páginas. A dimensão e a densidade de Emídio Guerreiro sentem-se em Guimarães, no olhar e na palavra dos seus amigos e, por que não, até em algum dos seus detractores. Homens como este não passam impunes na história – marcam a História. ■

Fernando Farinha

Emídio Guerreiro: «Se não houvesse 25 de Abril, hoje não estaríamos aqui»

Santos de

Os homens de ciência

Leonardo da Vinci (1452-1519) – Pintor, escultor, engenheiro e teórico italiano. Autor de *Gioconda* e da *Última Ceia de Cristo*.

René Descartes (1596-1650) – Filósofo e matemático francês. É considerado o responsável pela criação da filosofia moderna. Autor de *O Discurso do Método*.

Galilei Galileo (1564-164) – Físico e astrónomo italiano. Fundador do método experimental que revolucionou a ciência. Descobriu as propriedades que regem os pêndulos e estabeleceu a lei da queda dos graves. Primeiro astrónomo da era telescópica, defendeu a ideia de que os planetas giram à volta do Sol.

Isaac Newton (1642-1727) – Físico, matemático e astrónomo inglês estabeleceu a lei da gravitação universal e as leis do movimento, formulou várias leis da óptica, enunciou a hipótese corpuscular da luz, concebeu e construiu um novo tipo de telescópio e inventou o cálculo infinitesimal.

Albert Einstein (1879-1955) Físico teórico de origem alemã revolucionou os conceitos de matéria, espaço e tempo, ao formular as teorias da relatividade restrita e relatividade geral. Formulou a teoria sobre a natureza corpuscular da luz, tendo explicado, com base nessa teoria, o efeito fotoeléctrico. Por esse trabalho foi galardoado, em 1921, com o Prémio Nobel da Física.

Charles Darwin (1809-1882) – Naturalista inglês explorou a costa da Patagónia, Terra do Fogo, Chile e Peru e algumas ilhas do Pacífico. Formulou a teoria sobre as origens das espécies e da sua evolução que se baseava na selecção natural provocada na luta pela vida. Mais tarde aplicou a teoria à origem dos seres humanos, considerando o factor sexual como importante na selecção natural.

Os músicos

Guiseppe Verdi (1813-1901) – Compositor italiano, expoente máximo das óperas, compôs 26, nomea-

O Quarteto de Saxofones da Escola Valentim Moreira de Sá, de Guimarães, interpretou algumas peças do seu repertório em honra de Emídio Guerreiro

romântico

Guerreiro

damente *Nabuco, Rigoletto, La Traviata, Un Ballo in Mashera, A Força do Destino, Don Carlos, Aida, Otelo* e *Falstaff*. Estas óperas acompanharam e reflectiram a actividade política do músico ao serviço da ala liberal do «Risorgimento». Ao lado de Vítor Manuel lutou pela unidade da Itália. Compôs ainda peças religiosas como *Requiem* e quatro peças sagradas (*Te Deum, Requiem, Ave Maria, Stabat Mater*).

Amadeus W. Mozart (1756-1791) – Compositor e pianista alemão. Aos quatro anos de idade já tinha composto cinco peças musicais. De menino-prodígio que percorreu as cortes europeias haveria de consolidar a sua obra a partir de 1782 altura em que se instala em Viena. Autor de numerosos concertos e missas, entre as suas óperas destacam-se: *O Rapto no Serralho, As Bodas de Fígaro, Don Juan* e a *Flauta Encantada*.

Os homens de letras

Luís Vaz de Camões (1524-1580) – O épico português. Viveu algum tempo em Coimbra onde terá frequentado aulas de Humanidades no Mosteiro de Santa Cruz. Regressou a Lisboa onde levou uma vida boémia. Em 1553, depois de ter sido preso, devido a uma rixa, partiu para Índia. Em Goa terá escrito parte da sua obra. Diogo Couto encontrou-o em Moçambique «tão pobre que comia dos amigos». Pobre e doente regressou a Portugal em 1569. Graças à influência de alguns amigos junto do rei D. Sebastião, em 1572, consegue publicar *Os Lusíadas*. Morreu a 10 de Junho, que é hoje comemorado como o Dia de Portugal.

Vítor Hugo (1802-1885) – Escritor francês autor de Os Miseráveis e de Notre-Dame de Paris. Parte da sua obra tornou-se popular pelas ideias sociais que contribui para expandir. Opôs-se ao regime de Napoleão e por isso sofreu o exílio. Em 1871 regressa a Paris onde foi eleito deputado e depois senador. Acabaria por ser considerado um símbolo da resistência a Napoleão e à ditadura.

Entre os seus santos, Emídio Guerreiro escolheu Charles Darwin como *primus inter paris*

Amigos de Fernando Vale na casa do médico em Coja. Quem entre eles não desejaria completar 103 anos?

A vida de Fernando Vale também se confunde com o 25 de Abril aqui simbolizado por Vasco Lourenço. Para ele a madrugada libertadora chegou aos 74 anos...

Fernando Vale, 103 anos

O grande aristocrata da esquerda portuguesa

AOS 103 ANOS, Fernando Vale começa o dia com um galão e uma torrada, no café da aldeia. De manhã cedo sai da casa solarenga, em granito do século XVIII, à beira da estrada para Coimbra, e, em passo estugado, vence o asfalto que separa a mansão do centro de Coja, onde pontualmente se apresenta para o pequeno-almoço. Com o dono do estabelecimento e clientes ocasionais desfia as últimas novidades que, na maioria das vezes, são coisa nenhuma, como é dado em terras isoladas nas serranias, onde só o vento parece entrecortar a rotina dos dias. Esporadicamente surge a doença ou o falecimento de um conterrâneo, o sucesso de alguém que se aventurou num negócio, a solidão de quem desespera por dias melhores. Para todas as situações, Fernando Vale tem sempre uma palavra de esperança e um sorriso encorajador. Depois, do mesmo modo como chegou também se retira. Torna ao asfalto e, com as forças revigoradas pelo galão e a torrada, lá vai estrada acima para se meter em casa e mergulhar nos jornais diários, onde encontra muitas coisas que o desgosta. Outras compensações para o espírito recolhe-as em livros que meticulosamente escolhe entre as prateleiras da vasta biblioteca da sua sala de memórias...

É nesta sala que amavelmente nos recebe, ao fim da tarde de 30 de Julho, quando já tinha a casa cheia de amigos para celebrarem o 103.º aniversário deste «grande aristocrata da esquerda portuguesa».

Fernando Vale forma com Emídio Guerreiro a dupla dos únicos sócios de honra vivos da Associação 25 de Abril.

A conversa começa por aqui. Fernando Vale faz questão de nos dizer que é o maçon mais antigo do mundo e Emídio Guerreiro o mais velho.

Fundador da loja «Revolta», Fernando Vale foi iniciado na maçonaria em 1923, no Centro Republicano Académico em Coimbra. Pertenceu a uma geração de resistentes que não se atemorizou com a proibição do Grande Oriente Lusitano, em 1935, ordenada por Salazar que acabara de classificar a instituição como uma «organização secreta» e «subversiva». Ele que para nome de iniciado havia escolhido o de Egas Moniz – tocado pelo exemplo do aio de Afonso Henriques que se apresentou de corda ao pescoço diante do rei de Castela para resgatar a honra – prosseguiu com seus companheiros as actividades da loja e «não abateu colunas».

Fernando Vale no jardim da sua casa, em Coja, no dia em que fez 103 anos

A figura de «João Semana» é muitas vezes apontada como exemplo seguido por Fernando Vale. Dele se diz ter calcorreado a serra da Lousã, vezes sem conta, de dia ou noite cerrada, a pé ou montado num macho, para acudir aos doentes que o procuravam. Após a consulta, de que não cobrava honorários, deixava medicamentos para a cura ou, na falta deles, dinheiro para o paciente os adquirir

Natural de Cerdeira (vizinha de Coja, no concelho de Arganil) Fernando Vale veio ao mundo no seio de uma família abastada. Do lado da mãe sobressaíam as terras férteis de cultivo; do pai a linhagem de um médico agnóstico que alicerçara a sua formação nas verdades da ciência e no positivismo buscara certezas e convicções.

A celebrada figura do médico de aldeia protagonizada por «João Semana» na criação de Júlio Dinis em *As Pupilas do Senhor Reitor* é muitas vezes apontada como exemplo seguido por Fernando Vale. Dele se diz ter calcorreado a serra da Lousã, vezes sem conta, de dia ou noite cerrada, a pé ou montado num macho, para acudir aos doentes que o procuravam. Após a consulta, de que não cobrava honorários, deixava medicamentos para a cura ou, na falta deles, dinheiro para o paciente os adquirir. Quando lhe pedimos confirmação destas histórias e que recordasse outras da sua actividade clínica como médico de aldeia, com a humildade própria das almas gran-

A foto da fundação do PS em 1973, na Alemanha. Fernando Vale está ao lado de Soares

Fernando Vale na sua sala de memórias entre recordações centenárias

Fernando Farinha

«A globalização pode ser uma coisa boa se servir o Homem – mas o Homem é muito egoísta»

Fernando Farinha

Com três filhos e dois netos se formam três gerações

Fernando Vale, 103 anos

O grande aristocrata da

des, subtilmente desviou o rumo da conversa e limitou-se a dizer que se houve algum «João Semana» foi o seu pai.

Concluída a licenciatura em Medicina pela Universidade de Coimbra, em 1926, passou a exercer clínica na sua terra natal como médico municipal e delegado de saúde, funções de que seria demitido por Salazar. Afastado compulsivamente da função pública, no entanto, continuou a tratar dos pobres da Misericórdia e a quem a ele recorria, durante quase 50 anos.

Pelo caminho teve tempo de se encontrar com Mário Soares e mais 25 companheiros da resistência, em Badmustereifel (Alemanha), em 1973, e ser um dos fundadores do Partido Socialista. Depois do 25 de Abril viria a ser o primeiro presidente da Câmara Municipal de Arganil, tendo presidido à comissão administrativa. E, de certa maneira «empurrado» por Mário Soares, desempenhou as funções de governador civil de Coimbra entre 1976 e 1980.

Na conversa que mantemos na sua sala de memórias, entre o desfiar de recordações, Fernando Vale recorre amiúde à actualidade revelando-se tão bem informado como permanentemente actualizado e, a dada altura, sublinha: «a globalização pode ser uma coisa boa se servir o Homem – mas o homem é muito egoísta».

As amplas paredes forradas por enormes estantes dão lugar a centenas de livros e a muitas outras recordações: relógios de capela, almotolias, peças de cerâmica e algumas fotos de família. De tudo isto sobressaem quatro imagens de Miguel Torga: uma fotografia autografada oferecida pelo autor de *Contos da Montanha*, e dois desenhos e uma aguarela – retratos do colega otorrinolaringologista adquiridos por Fernando Vale.

Inevitavelmente a conversa vira-se para a amizade com Miguel Torga e as cumplicidades por ambos partilhadas. Os pequenos olhos redondos de Fernando Vale adquirem um brilho redobrado quando recorda tempos vividos com o seu colega de Coimbra: a fraternidade e a partilha no campo da medicina com os problemas próprios do exercício clínico, e as preocupações sociais e políticas. Ao lado dos retratos de Torga, Fernando Vale conserva uma autêntica raridade: os seus livros autografados, sendo um dos escassos leitores do escritor a merecer tal distinção.

A propósito de leituras, deste e de outros tempos, procurámos saber o que andava a ler este jovem centenário que, tendo nascido no último ano do século XIX (30 de Julho de 1900), atravessou todo o século XX e já vai no terceiro ano do século XXI. Entre outras leituras disse que andava a (re)ler Camus e ainda hoje se surpreendia com o autor de *O Estrangeiro*. Na verdade, tal como o Nobel da Literatura de 1957, o testemunho de vida de Fernando Vale reflecte a procura de um «humanismo modesto fundado na solidariedade humana perante o mal, e no qual o que importa primeiro que tudo é ser lúcido e consciente da sua situação concreta.»

Lá fora, noutras salas e no jardim da mansão, mais de uma centena de amigos esperavam-no para o jantar. O telefone não parava de tocar. E uma chamada especial chegou às 18 e 10. Era

Fernando Farinha

A todos os que passaram pela sua mesa Fernando Vale dedicou uma atenção especial

Fernando Farinha

Fernando Vale reuniu uma centena de amigos no seu 103.º aniversário

Fernando Farinha

«Sou um homem de esperança, sem esperança não há alegria, há egoísmo, por isso espero a festa do próximo ano»

esquerda portuguesa

Mário Soares que, em férias no Vau, não quis deixar de enviar um abraço de parabéns ao amigo e saudar uma vez mais esta referência histórica do Partido Socialista e património da Resistência e da Democracia portuguesas.

Nas conversas cruzadas de alguns amigos presentes havia quem se recordasse do quanto aquela casa representa na resistência à ditadura e o que as suas paredes e quartos testemunham de solidariedade e acolhedora fraternidade. Por lá passaram, entre outros, um almirante italiano que rompera com Mussolini; patriotas portugueses obrigados a procurar o exílio ali estiveram a caminho de Espanha; conspiradores de Beja e outros antifascistas naquela casa se refugiaram em segurança. Todos receberam alimento que lhes saciou o corpo e o espírito.

Foi neste espaço que Fernando Vale acolheu os amigos para jantar. A seu lado os filhos incansáveis: Luís, 79 anos (a quem o pai por piada costuma dizer: «estás velho»), Maria Teresa, 77 e Mário, 69 anos, e três netos.

Uma cena que se repete de há alguns anos a esta parte, com especial recordação para o dia da evocação do centenário e que Fernando Vale aspira renovar em 2007 quando completar 107 anos. Nessa altura deseja que a estrada seja interrompida com um churrasco e mesas da sua casa até aos Bombeiros num convívio que, além dos amigos habituais, se alargará a toda a população de Coja.

Quando procurámos indagar razões para tal desejo Fernando Vale sorriu, sorriu muito, o rosto iluminou-se esplendoroso, depois limitou-se a dizer: «sou um homem de esperança, sem esperança não há alegria, há egoísmo, por isso espero a festa do próximo ano».

Enquanto saboreava com prazer o feijão e o porco assado no espeto em carvão, regados com vinho tinto, que extremosamente a filha Maria Teresa lhe servira, Fernando Vale atendia com redobrada simpatia todos os que pela sua mesa passavam. O jovem Edmundo Pedro, 85 nos, filosofava sobre ideias boas e más e os tempos de reflexão na prisão. Fernando Vale atalhou certeiro: «uma boa ideia sem apoio não presta». ■

Fernando Farinha

Um telefonema habitual, mas que não deixa de ser especial: Mário Soares felicita o amigo

Património da Democracia

Galardoado com a Ordem da Liberdade (Grande Oficial) e a Ordem do Mérito (Grã-Cruz), Fernando Vale participou nas lutas reivindicativas e progressistas enquanto estudante de Medicina na Academia de Coimbra e fez parte das campanhas e comissões de candidatura de Norton de Matos, Quintão Meireles e de Humberto Delgado.

Em 1973 esteve na Alemanha com Mário Soares, sendo um dos 27 patriotas que participaram na reunião fundadora do Partido Socialista.

Arganil, a autarquia que o viu nascer e à qual dedicou praticamente toda sua vida profissional como médico, atribuiu-lhe a Medalha de Ouro do concelho.

A distinção que mais o sensibiliza é o Prémio Dr. Fernando Vale criado pela Ordem dos Médicos e que se destina a distinguir trabalhos de clínicos gerais. Tal iniciativa associa-a à homenagem como desenvolveu a sua actividade de médico ao serviço dos mais pobres.

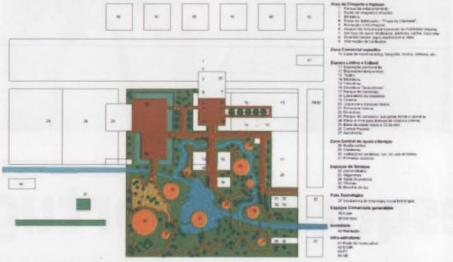
Foi proclamado Sócio de Honra da Associação 25 de Abril pela Assembleia Geral realizada a 10 de Março de 2001.

Parque da Liberdade em Grândola

JOSÉ ROMANO

NO DIA 28 DE AGOSTO decorreu uma reunião entre os responsáveis da Câmara Municipal de Grândola, o presidente Carlos Beato, os dirigentes da delegação do Alentejo da Associação 25 de Abril, José Fernandes e Helder Costa – promotores do conceito -, e os autores do estudo prévio do projecto: José Romano e Henrique Cayatte. O propósito foi o da apresentação e discussão da proposta do «Parque da Liberdade». A A25A e a CMG acolheram a proposta com grande entusiasmo, identificando assinalável convergência entre a estratégia de desenvolvimento local e regional de Grândola com os desígnios do Parque.

O estudo prévio aponta para a criação de uma grande zona verde, de valor ambiental significativo, sobre a qual se dispõem um conjunto de construções «amigas do ambiente» que evocam e divulgam os valores da Liberdade e da Democracia num contexto didáctico e lúdico. Procurar-se-á associar a defesa destes valores ao melhor dos parques temáticos no que concerne às valências lúdicas, ambientais, de segurança, acessibilidade, conforto etc.



Planta do espaço onde vai implantar-se o novo parque em Grândola

Do Parque farão parte equipamentos tão diversos como: áreas de chegada e ingresso, comerciais, espaços lúdicos e culturais, tais como um centro de exposições, teatro, biblioteca, parque de merendas, laboratório da cidadania, jogos para crianças e idosos, percursos lúdicos. diversões, parque de campismo, palco ao livre para festivais de música e cinema, campo radical e aeródromo. Existirá ainda uma zona central de apoio e serviços e, no exterior do recinto, admite-se a criação de um Pólo tecnológico e de áreas de habitação.

A CMG encarregou-se de estudar uma localização, para propor numa reunião a realizar no futuro próximo. ■

O ideário de Abril foi tema de uma reunião no Norte Alentejo

Núcleo do Norte Alentejano reuniu em Assumar

NAS INSTALAÇÕES da Junta de Freguesia de Assumar, Almada Contreiras, José Fernandes, Rosado Luz, Junqueira Lopes e Matos Serra, em representação dos órgãos sociais da Delegação do Alentejo, reuniram no passado dia 5 de Julho, em fraternal encontro com cidadãos do Norte Alentejano.

O encontro promovido pelo Matos Serra, nossa âncora na região, além de ter trazido novos sócios para a A25A, serviu para esclarecimento dos presentes sobre o que pretende a Associação fazer para aprofundar a relação com os órgãos de poder autárquico, associações, escolas e população em geral, neste esforço de descentralização que agora iniciou.

Da reunião ficou clara, além da necessidade, a viabilidade da criação de um núcleo em Assumar, existindo já hipóteses de local para a sua instalação.

Assim conta desde já a A25A, com a disponibilidade de alguns sócios para empreender trabalho naquela região do Alentejo, na preparação do 30º aniversário e na consecução dos objectivos da nossa Associação, reforçando-se em termos organizativos, poderemos assim defender um Portugal em que não se menosprezem os valores de Abril, com criatividade, inovação, fraternidade, justiça e motivado na construção de um futuro mais feliz, com progresso e justiça social. ■

Delegação do Alentejo

Nova sede, nova morada, mais esperança

EM CERIMÓNIA nos Paços do Concelho de Grândola, a Associação 25 de Abril, Delegação do Alentejo, representada pelo presidente da Direcção, José Fernandes, assinou o contrato de comodato, com a Câmara Municipal de Grândola representada pelo seu presidente Carlos Beato.

Esta cerimónia carregada de simbolismo, instituiu com carácter definitivo, a atribuição do espaço onde passa a funcionar a Sede da Delegação. Sita no Bairro da Esperança, Edifício 2, Bloco 3, Loja Dr. 7570-145 Grândola, esta nova sede permite com melhores condições de trabalho, desenvolver os projectos a que se propôs esta Direcção, além de proporcionar um melhor contacto com a população e outras associações que também foram instalada na referida urbanização.

No termo da assinatura ficou claro, nas palavras dos oradores, a importância que teve o 25 de Abril para o desenvolvimento que sofreu o movimento associativo e as formas de organização das populações em torno de necessidades concretas e motivações comuns. Claro que a evolução dos modelos de organização de grupos de cidadãos em torno de objectivos concretos, só é possível graças ao desenvolvimento e consolidação do poder local, nascido com o 25 de Abril. ■

Direitos dos deficientes das FA

NUNO SANTA CLARA

DE FORMA recorrente, surgem artigos mais ou menos informativos (mais para menos), pareceres tidos como jurídicos, ou declarações públicas, em que a qualidade de Deficiente das Forças Armadas (DFA) aparece, ou é apresentada, como um regime de favor.

Para mim, que continuo a considerar que, embora sob espessa laje de betão, Salazar continua a governar o País, tais afirmações não surpreendem. Continua a governar o País, porque o espírito mesquinho e o dividir para reinar vieram aparentemente para ficar. Ou será que ele interpretou o profundo sentir da alma portuguesa? Se assim é, venha a Comunidade Europeia, ou outra coisa qualquer, tomar conta disto tudo quanto antes…

Continuamos a ignorar o que cada um ganha, em que situações se integra, que direitos tem, e a sonhar com uma regalia que nos ponha, se não bem, pelo menos melhor que os outros.

Não podem considerar-se as condições oferecidas aos DFA como privilégios; são percursoras da legislação geral mais recente, e têm vindo a esbater-se com o tempo. A título de exemplo, as isenções fiscais para os grandes deficientes (mais de 60%) são iguais para todos

O Estado tem deveres e responsabilidades para com os seus servidores

Estamos assim no terreno ideal para a nacional-desconfiança e atávica inveja: basta anunciar que A está melhor que B para que todos reclamem, não para que B passe a estar como A, mas que o malandro do A volte a estar como B, ora pois! E, já agora, que B passe a estar melhor que o A, pois bem merece, e o ciclo repete-se.

A primeira legislação sobre os DFA surgiu, a quente, durante a Guerra Colonial. A última recordação de situações semelhantes datava da I Guerra Mundial, e nem a inoperante Liga dos Combatentes, nem a União dos Inválidos de Guerra, em extinção biológica, puderam tratar do problema.

Surgiram assim o DL 44.995, de 24/4/63, a que se seguiu o DL 210/73, e, já depois do 25 de Abril, o DL 43/76, ainda hoje o diploma-base da legislação sobre deficientes militares. Pode argumentar-se que se legislou por má consciência, ou por temer as consequências de um corpo de mutilados entregue a si mesmo, com o péssimo efeito psicológico que isso acarreteria. Mas a essência da questão não está aí.

Mesmo no anterior regime, havia obrigações das entidades patronais e do sistema de segurança social em relação aos acidentados de trabalho; ou seja, o Estado obrigava as entidades privadas, por si ou através das seguradoras, a garantir a indemnização pelos acidentes sofridos no trabalho, embora deixando em aberto a inserção futura dos acidentados na vida pessoal ou profissional.

O mesmo Estado tinha, em relação aos seus agentes, uma postura diversa: o conceito de auto-seguro, ou seja, o Estado era solidário com os seus agentes. Se perante terceiros o sistema era imperfeito, para os próprios agentes era catastrófico. Esta situação só foi alterada com a publicação do DL 503/99, que regulamentou com um mínimo de eficácia a questão dos acidentes em serviço dos funcionários públicos.

A «novidade» da legislação sobre deficientes militares foi o reconhecimento pelo Estado da sua responsabilidade para com os seus agentes. Ainda assim, essa responsabilidade foi assumida de forma incompleta, como demonstram os muitos casos que ainda hoje são resolvidos por via judicial. Logo à partida só pode ser DFA quem tiver mais de 30% de incapacidade. Mas muita coisa foi feita, como a atribuição de pensões e de benefícios análogos aos do pessoal dos QP. As pensões dos DFA, pelo seu carácter indemnizatório, são independentes do tempo de serviço, ou seja, são calculadas por inteiro.

Tão importante como estas indemnizações é a possibilidade de opção pela continuação ou ingresso na carreira. Se atendermos à falta de sensibilidade dos poderes públicos e privados para o problema da reabilitação e integração dos deficientes, rapidamente compreendemos a justeza desta medida. E o Exército, principalmente, tem dado uma correcta interpretação a este princípio, o que permitiu a muitos DFA integrarem-se numa Instituição em que não se sentiam estranhos ou tolerados. Mas também é verdade que às praças não foi dada essa possibilidade, o que deixou de fora grande massa dos DFA.

Resumindo, não podem considerar-se as condições oferecidas aos DFA como privilégios; são percursoras da legislação geral mais recente, e têm vindo a esbater-se com o tempo. A título de exemplo, as isenções fiscais para os grandes deficientes (mais de 60%) são iguais para todos. Consagram o reconhecimento da responsabilidade do Estado para com os seus servidores e terão talvez servido para a melhoria do regime geral. ■

O funeral de Magiolo Gouveia e a «ética» de Paulo Portas

O ministro de Estado e da Defesa, Paulo Portas, recolhido junto dos restos mortais de Magiolo Gouveia, no cemitério de Mação

VASCO LOURENÇO

A EXPLORAÇÃO feita por Paulo Portas à volta do funeral de Magiolo Gouveia, trouxe-me à memória uma conversa com Melo Antunes, poucos dias antes do 25 de Abril de 1974, ocorrida em Ponta Delgada. Falávamos sobre a enorme aventura em que estávamos prestes a embarcar e foi com espanto que o ouvi afirmar: *como tu, estou convencido que vamos vencer. Mas o pior virá depois. Como não tomaremos as medidas necessárias, para defender o nosso projecto, acabaremos por permitir aos fascistas o seu regresso e a sua recuperação.*

Não percebo, retorqui surpreendido, *se pensas que vai ser assim, porque não tomamos as medidas que consideramos necessárias?*

O problema é que nós não conseguimos tomar certas medidas. Os valores em que acreditamos e defendemos não nos permitem isso. Os nossos adversários, que não têm valores éticos e morais, é que não hesitam em assumir quaisquer atitudes, desde que isso lhes sirva para os objectivos que pretendem atingir. Para eles, os fins justificam quaisquer meios…, respondeu-me Melo Antunes, admirado com o meu espanto. Concordando de seguida comigo, quando afirmei *bem, no mínimo, temos que lhes dificultar a vida…*

Lembrei-me agora desta autêntica lição política que recebi do Melo Antunes, porque se verificou o que ele então vaticinou: só conceitos éticos e morais muito distorcidos, só a defesa e a prática de *que tudo é permitido, desde que os nossos objectivos se concretizem,* poderia levar o ministro Paulo Portas a agir como agiu.

Esta atitude de Paulo Portas veio pôr em causa todo um processo de pacificação, todo um processo de conciliação que se vem desenvolvendo há alguns anos.

A democracia não se instalou em Portugal por decreto. Depois do 25 de Abril, houve todo um processo de implantação da democracia, processo intenso e convulso, que teve de ultrapassar vários e difíceis obstáculos.

Até que a aprovação da Constituição fosse um facto, até que as colónias conquistassem a sua independência, várias foram as tentativas golpistas de grupos minoritários que procuraram impor as suas posições e inviabilizar o cumprimento do Programa do MFA.

Lembremos apenas as principais: o 28 de Setembro 1974, o 11 de Março de 1975, o 25 de Novembro de 1975 (todas no Continente, pois nas Ilhas não se passou das ameaças…); o 7 de Setembro de 1974, em Moçambique, e a tentativa frustrada em Angola, porque detectada e desmantelada a tempo, ambas ligadas ao 28 de Setembro; a acção da UDT em Timor em Novembro de 1975, que deu origem à guerra civil e provocaria a invasão e a ocupação desse território pela Indonésia.

A todas essas tentativas o poder de então, onde participava o MFA, teve capacidade para se lhes opor, com excepção de uma delas, precisamente a de Timor. Aí, o Governador considerou não ter condições para se intrometer no meio das facções que se envolveram na guerra civil, não interveio e teve que retirar do território, quando se consumou a invasão da Indonésia, chamada por quem deflagrara as hostilidades e com a cobertura dos EUA e da Austrália.

Só passados mais de 26 anos e após um holocausto de mais de 200.000 timorenses, estes conseguiram a sua independência, E, como a História veio provar, os que iniciaram a guerra civil não representavam a maioria do povo maubere…

Todo esse processo foi complicado, sendo no entanto indiscutível que os militares agiram, de uma forma geral, conforme as suas consciências, defendendo de forma honesta os valores em que acreditavam. Certos ou errados (todos

cometemos erros), procurando servir Portugal e os portugueses e não almejando benefícios pessoais.

Por tudo isso, tem sido possível assistirmos a uma autêntica pacificação, obtida através de amnistias e outras decisões do mesmo tipo. Sempre mais fácil de conseguir e praticar em relação aos que optaram por posições mais conservadoras e até anti-25 de Abril, do que em relação aos que assumiram atitudes mais progressistas e revolucionárias. Basta ter presente que o processo de pacificação em relação a estes ainda está em curso e vem atravessando algumas dificuldades incompreensíveis…

É por isto que não compreendo como foi possível pôr tudo em causa, na maneira como foi subvertido o funeral do tenente-coronel Magiolo Gouveia!

Os heróis, para Paulo Portas, são os que conjugaram o verbo ficar? Então, todos os outros, os que aceitaram os acordos que levaram

É lícito concluir que Paulo Portas não faria diferente de Salazar, quando exigiu aos militares na Índia que apenas poderiam regressar mortos…

ao reconhecimento das independências são traidores?

Os heróis, para Paulo Portas, são os que optaram por um dos partidos que se confrontavam nas diversas colónias, alguns formados à pressa pelos ainda colonizadores? Então, os que optaram por se manter neutros, leais ao poder em Portugal, são traidores?

É lícito, portanto, concluir que Paulo Portas não faria diferente de Salazar, quando exigiu aos militares na Índia que apenas poderiam regressar mortos… ou de Marcelo Caetano, que recusou liminarmente qualquer hipótese de solução política para as colónias.

Não conheci pessoalmente Magiolo Gouveia. Recordo-me de sempre ter ouvido sobre ele opiniões favoráveis, quanto às suas qualidades profissionais e humanas. Por isso, me custa mais ainda verificar como foi destruída a vontade da família, que certamente preferiria encontrar a paz de espírito, com o regresso e o funeral dos seus restos mortais. Paz que foi fortemente prejudicada pela polémica que Paulo Portas provocou, quando fez sair um comunicado, com afirmações inaceitáveis, e com a transformação das devidas honras militares em honras de Estado inexplicáveis e incompreensíveis. Que vieram pôr em causa não só os militares que não imitaram Magiolo Gouveia (como é irónico ver fazer acusações de pró-comunistas a pessoas como Lemos Pires ou Martins Barrento!…) e criaram fortes problemas nas relações entre Portugal e Timor, nomeadamente com os principais governantes do mais jovem país independente do Mundo (que, num gesto de conciliação, colaboraram com a recuperação dos restos mortais de Magiolo Gouveia).

Acredito que, quando Magiolo Gouveia decidiu armar a UDT para a tentativa de conquista do poder, terá agido de acordo com o que considerava ser melhor para Portugal, para Timor e para os timorenses. Corajosamente, decidiu-se a avançar para o que considerava correcto e pensava poder sair vitorioso. Rapidamente, a evolução da situação lhe mostraria como estava errado. Desde logo, a maioria dos timorenses, integrados na Fretilin, lhe faria ver que a UDT estava em minoria em Timor. Depois, já com ele feito prisioneiro, seria a própria UDT uma das forças a apelar à invasão de Timor pela Indonésia. E aí começaria uma ocupação violenta, que só terminaria depois de mais de 200 000 mortos.

A distância entre a concepção de herói e traidor é, por vezes, bastante ténue.

A Magiolo Gouveia prefiro vê-lo como mais uma das vítimas do processo de descolonização/independência de Timor. Ainda que bastante responsável…

Por isso, gostaria de o ter visto reintegrado, regressado ao seu país e sepultado em paz…

Lamento profundamente tudo o que se passou e preferia não tomar posição pública. No entanto, não posso deixar de intervir, procurando evitar deturpações da História. Ou ataques, mais ou menos abertos, mais ou menos encapotados, ao 25 de Abril.

Salgueiro Maia dizia, com sarcasmo, que nós somos os *implicados no 25 de Abril*. Com o andamento dos tempos, alguns gostariam de nos julgar pelo nosso acto libertador.

Por nós, militares de Abril, apesar de tudo continuamos a considerar que valeu a pena. E disso nos orgulhamos.

E por isso, quando estamos prestes a evocar os 30 anos do fim da ditadura e do arranque para a Democracia, afirmamos bem alto não reconhecer nem ao cidadão Paulo Portas, nem ao ministro de Estado e da Defesa Nacional qualquer legitimidade para os ataques inqualificáveis que acaba de fazer ao 25 de Abril e aos militares que o protagonizaram. ■

(Este artigo foi publicado na edição de o «Público» de 31 de Agosto de 2003)

1º Congresso da Democracia Portuguesa em Outubro de 2004

O 1º CONGRESSO da Democracia Portuguesa, tarefa maior do presente mandato da direcção da A25A, que decorrerá no âmbito das comemorações dos 30 anos do 25 de Abril e dos 20 anos da A25A estava agendado para Maio de 2004. No entanto ponderando a agenda nacional, nomeadamente o previsível Congresso da Justiça, o Europeu de Futebol, as eleições Europeias e a atenção mediática em torno de casos de justiça como a pedofilia ou a Moderna, entendeu a direcção da A25A adiar a data de realização do Congresso para Outubro de 2004, de modo a evitar que este importante momento de reflexão e debate que se pretende sereno, elevado e aberto a todos os que desejem reflectir sobre os desígnios futuros do País para os próximos 30 anos, não se preste a equívocos ou instrumentalizações. Não nos propomos promover um palco para outro debate que não o do futuro da nossa Democracia. Entendemos assim ser útil garantir todas as condições de imparcialidade político-partidária e a devida atenção e participação do país.

Decorre desta decisão que as iniciativas do Observatório da Democracia agendadas para o Porto e Grândola, respectivamente a 27 de Setembro e 22 de Novembro, e que são preparatórias do Congresso foram também proteladas para 2004 em data a divulgar. ■

Para mais informações, por favor contactar a direcção ou:
José Romano
Associação 25 Abril – Rua da Misericórdia, 95, 1200-201 – Lisboa
e-mail: jose.romano@mail.telepac.pt

Núcleo de Évora em preparação

A DIRECÇÃO da Delegação do Alentejo da A25A está empenhada na constituição de um núcleo em Évora.

A iniciativa visa congregar os amigos do 25 de Abril da capital alentejana e com eles promover iniciativas futuras em torno dos princípios e valores de Abril.

Durante o próximo mês de Outubro serão enviadas cartas aos associados daquela região do Alentejo, com o objectivo de se promover um primeiro encontro em Évora, a fim de se lançarem os fundamentos que possam levar à constituição de um novo núcleo da Associação 25 de Abril. ■

O grupo de excursionistas da A25A que visitou Cuba e se deixou envolver por espaços e recordações de Hemingway

Cuba

Em terras de rumba e de salsa

JOSÉ FONTÃO

Viajando para Ocidente. O passeio começou mal, isto porque há oitocentos anos que embirramos em não prestar vassalagem a Castela e aquilo de andar para trás, até á sua pomposa capital, mais parecia a ida do Egas Moniz com a corda ao pescoço. A verdade é que andamos por lá muito "embarajados", de malas às costas.

Por fim, com grande alívio, acedemos à aeronave que dali nos iria tirar, a qual, com aquelas modernices das mangas, nem se via, pelo que fomos confiantes.

Entramos e mesmo quem não fosse de grande tento, como eu, daria conta de que o mobiliário não pertencia à última geração.

Acomodamo-nos e dei com um estranho letreiro na minha frente:

POJAS ZA JPAVANGE JE ISPOD VASEG SEDISTA

Aquela trapalhada consonante, se não fosse código, só poderia ser servo-croata. Aí, fiquei mais descansado. A caranguejola devia estar mais do que testada nos céus da Bósnia. Para completar o alívio, saiu-nos uma hospedeira com muitos quilómetros de voo e sem sorrisos de plástico. Sorria docemente como se estivesse na viagem inaugural...! Era o primeiro sinal promissor de Cuba!

Recostei-me a saborear aquele ambiente *old fashion*, mas logo me veio uma torcidela de nariz por saber que nos esperava outra contrariedade, ter de voar para as bandas do «triângulo estratégico» com o qual também ando a embirrar. Numa promissora teoria às avessas, proponho que o mandemos às urtigas. Também dali só nos chegam maus ventos e maus casamentos. Sem ele, víamo-nos livres do Jardim, como de ministros, almirantes e generais com o triângulo na barriga. Talvez fôssemos um país normal e ribeirinho, uma espécie de Holanda ou melhor ainda, além do bom clima, tínhamos bons portos, boa agricultura e pescas, não entrávamos nas guerras do Golfo, etc.

O «triângulo» deve ter gostado pouco destes pensamentos e retaliou com alguma turbulência, tivemos de apertar o cinto, coisa a que estamos habituados desde o tempo das heróicas descobertas. Procurei ignorá-lo e imaginei-me a caminho de uma tribo de Índios da Amazónia que vira dias antes na televisão, felizes com as dádivas da natureza e desprezando o nosso mundo louco. Ninguém pensaria encontrar um povo desses em Havana, mas talvez se nos suscitasse o mesmo olhar de ternura sem preconceitos.

Como se tivesse adivinhado, a nossa transportadora, CUBANA, ofereceu-nos uma viagem extra a Santiago de Cuba e, de facto, algo de parecido com uma tribo entrou por ali dentro e atulhou os lugares vagos. Percebi depois que só pagavam quatro dólares, bastante para eles mesmo assim, quase nada para nós.

Com uma jovem cubana sentada a meu lado e com o andar da carruagem, conversando, percebi que chegava com alguns cinquenta anos de atraso, ou até mais, aquilo deve ser óptimo para a «iniciação».

Finalmente, uma segunda aterragem em Havana, impecável como a outra, tudo em ordem, desfilamos na coxia do avião pelo meio de cubanos aprumados como se estivéssemos na Praça Vermelha e aí vamos nós direitos ao Hotel Ambos Mundos ao encontro de Hemingway que ali tem ainda o quartinho, a máquina de escrever pousada à sua espera na janela dos momentos criativos e sóbrios quanto baste.

La Habana. Valeu a pena a pequena gincana de malas, o ambiente barulhento, o elevador ronceiro e um qualquer quiproquó, por aquele sabor «revivalista» num sítio que é o lugar geométrico de passeatas e compras, de comes e bebes.

Como somos do 25 foi precisamente num dia desses que iniciamos as «hostilidades», começando em boa compostura pela visita muito apropriada ao Palácio dos Capitanes Generales que alguns de nós também foram por um dia, melhor dizendo, por umas horas, até se entregar o ouro aos bandidos. Belo museu ali está e muito tempo nos consumiria se não estivéssemos já a puxar para a borga.

Continuamos, ainda serenos, em passeio panorâmico de autocarro que nos deu uma visão da cidade muito cubana, isto é, contraditória. Grandes espaços verdes bem cuidados, zonas dolorosamente degradadas, algumas em excelente recuperação, artérias rasgadas e de bom piso, outras más, um trânsito já bastante intenso e com viaturas modernas a par de um museu ambulante em quatro rodas dos conhecidos e vistosos modelos cinquentenários, além, claro está, dos «Camelos» cujo pintadinho cor de rosa disfarça por fora o que será lá dentro com duzentas ou mais pessoas, dizem e custa a acreditar.

Tudo isto com muita luz, com muita cor, com um bulício pacífico. A grande baía de Havana, o Malecón, encheu-nos os olhos e demos a imaginá-la bem retocada na traça original, assim viçosa, a mais bela do mundo.

Pelo meio iniciamos o roteiro gastronómico na belíssima e restaurada Praça da Catedral, uma antevisão do fenómeno arquitectónico em marcha. Neste enquadramento e no El Pátio, atacamos pela primeira vez os «moros e cristianos», um arrozinho de feijão tradicional que acompanha os condutos.

Ainda houve tento para uma visita compenetrada ao Capitólio, um majestoso edifício bem conservado. Os olhos fugiam-nos para as dezenas de velhos carros estacionados ou circulando ali à volta, de cores garridas, uma grande «pinta» e um ronronar afinadinho, como se tivessem ido à Suíça rejuvenescer as máquinas. Começamos a perder a cabeça e a disparar as digitais para os «Chevrolet» e os «Buick», os «Ford» e os «Studebaker», os «Cadillac» e os sei lá o quê!

Estava dado o mote. Acabou a contenção e mergulhamos à toa nos programas mais variados. Uns ainda teimaram nos museus, outros saltaram para as ruas, para os mercados, para a música ambulante, para os petiscos e bebiscos, para o que lhes deu na gana.

Os passeios de charrete eram divertidos, relaxantes e românticos. Qualquer semelhança com os gondoleiros de Veneza não é pura coincidência. Posso testemunhar que um dos nossos simpáticos charreteiros atacou a dama solteira do grupo como um Romeu desesperado à procura da Julieta lusitana que dali o tirasse.

Como sempre, a oferta turística encontra formas de sugar as bolsas mais recheadas ou mais crédulas e parece que assim foi no espampanante e badalado espectáculo do Tropicana. Quem lá foi que conte e avise a navegação.

Em compensação, uma verdadeira criatividade inundava os mercados e as galerias em verdadeiras orgias coloridas e das técnicas mais variadas, quer do artesanato, quer da arte naïf, quer de autores mais consagrados. Como as mulatas da Tropicana não devem sair baratas, nem os gondoleiros, o melhor era investir ali.

Do mesmo modo que se corria aos charutos e às garrafas de Rum, ninguém terá ficado indiferente à rota de Hemimgway, como ele dizia, «o meu mojito no La Bodeguita, o meu daiquiri no El Floridita». Começamos por aqui e não sei se foi por inspiração do banquinho dele no canto do bar, ou pelo fulgor das casacas vermelhas, ou pelo malabarismo do chefe de cocktails, alinhamos logo nos daikiris e houve quem lhes perdesse a conta.

Dali para a Bodeguita e para onde quer que fôssemos a música começou a jorrar como fazendo parte da respiração naquela Ilha, que chamaria dos amores se o Camões por lá tivesse passado. Fomos coleccionando duos e trios e quartetos, solos e *shows*. Com a música vinha a dança. Julgava eu que tinha visto em África o expoente da expressão corporal. Pois não, no Hotel Florida vimos pares a dançar numa apoteose e sincronização de movimentos difíceis de imaginar, como também fazia inveja a qualquer dançador lusitano um simples velho com a sua bengala, bailando na rua, cheio de ritmo e de plasticidade. Um sabor afro, outro latino, outro andaluz ou baladero, um *swing* e os nossos sentidos despertavam de todas as adolescências adormecidas.

A sociedade cubana tem uma longa tradição de dignidade e de solidariedade

Por esta altura já não devia ser só eu o convencido de ter ido atrasado. Andava no ar um elixir da juventude, a sagração da primavera num santuário pagão onde as primícias da vida deveriam ser colhidas como no paraíso, sem maldade e na altura própria.

Que tal se propuséssemos ao Fidel um novo chamamento revolucionário...? Assim: «Jovens de todo o mundo uni-vos... em Cuba».

Aquela cidade, porém, não tem apenas este rosto hedonista. Arqueologicamente, não era difícil encontrar a Havana colonial e a sua evolução para uma sociedade escravocrata; a Havana das Luzes num porfiado combate pelos Direitos e pela Liberdade; a Havana patriótica que levantou o orgulho nacional; a Havana corrompida que abriu as portas aos Al Capones; a Havana revolucionária que retomou a luta patriótica e aprofundou a vertente social.

Tivemos a sorte de uma visita guiada por um eminente cubano que não precisava de se identificar com o regime para denunciar o quadro decadente dos tempos de Fulgêncio Batista, quando o centro da cidade resplandecia das últimas modas, dos perfumes mais caros e dezenas de bancos ligados aos paraísos fiscais guarneciam as suas ruas. O povo que hoje as calcorreia, não tinha ali lugar. O mesmo povo que se trancou em casa solidário com os seus irmãos fuzilados, quando uma procissão e o seu pároco foram obrigadas a sair à rua pelas autoridades.

A sociedade cubana tem portanto uma longa tradição de dignidade, de solidariedade e de um combate ético.

O lado mais visível do Estado Socialista mostrava-se-nos na rua de um modo por vezes enternecedor com filas de crianças ou de jovens devidamente acompanhados, muito bem vestidos e com uniformidade sem que, todavia, parecessem fardados. Davam também nas vistas os autocarros amarelos do sistema especial de transporte escolar, isto num país que carece desses meios.

A suprema contradição chamava-se «dólar». À medida que as marcas do regime socialista se nos mostravam mais puras ou mais radicais, consoante à perspectiva de cada um, assim a todos nos espantava aquela omnipresença do famigerado ▶

Um programa é sempre irritante mas traz a vantagem de nos obrigar a partir

bilhete verde. Bem tentávamos encher o peito com o nosso euro, valorizado uns pontos acima, e nem humilhando-nos num câmbio de paridade o conseguíamos fazer passar. Era como se chegássemos ao céu e tivéssemos o diabo a cobrar-nos a sua percentagem. O tinido do dólar soava em todos os cantos de toda a Havana, o sabor dos petiscos e dos copos, a tentação das compras, o desfrutar dos lazeres e até o óbolo mais condoído tinham esse travo da supremacia capitalista. Um materialismo bem mais concreto do que o dialéctico e que um jovem cubano vacilando na sua afirmada fé em Fidel traduzia dizendo: «O problema é que o Comandante agora fica com os dólares todos.»

Um pouco às avessas, querendo nós viver os mitos e as utopias que povoaram as mentes generosas de várias gerações, tínhamos ali à mão de semear um ícone supremo chamado «Che». Todavia, a um simples turista, de que modo aparece ele a não ser no mercado, a par dos charutos e do Rum, como um dos produtos que melhor se vendem? Bem sei que também iríamos ter um cheirinho da sua rota e, certamente, houve quem alcançasse um sentimento quase religioso inspirado nessa figura exemplar a quem o Cristo «roubou» o rosto na inspiração premonitória dos seus retratistas.

Quando mais tarde fomos ao memorial do «Che», imbuídos dessa mística bondosa e fraterna, pois cantamos o «Hasta siempre» para espanto de uns estrangeiros que por ali andavam a fazer não sei o quê e feitos burros perguntaram do nosso apego ao «Che» e logo foram dar com a Mita que lhes respondeu – porque morreu— para depois, piedosamente, os tirar do pasmo e lhes dar uma explicação mais ao nível deles. Infelizmente, a ironia não se ficou por ali.

A Revolução dos Cravos levava flores ao Guerrilheiro. E é que não conseguimos depô-las a seus pés?

Um zeloso funcionário munido de estridente apito não nos deixava pisar um Tordesilhas que lhe meteram na cabeça e que distava vinte ou trinta metros do pedestal. Parlamentamos, prestamos contas da nossa devoção e nada, foi o homem não sei a quem e nada, tivemos de negociar. Nomeamo-lo nosso embaixador e lá foi ele depor as flores, com direito a uma salva de palmas que o deixou embevecido. Que diria o «Che» lá do alto? Talvez estivesse divertido como nós e, ao mesmo tempo, pensando que o Homem Novo não andará ao sabor de um apito.

Nessa convicção continuará a filha, Alleida Guevara, que conhecemos na recepção com que o embaixador de Portugal Alfredo Duarte Costa nos honrou. Mostrou-se ela uma herdeira assumida da figura lendária do pai, numa linha revolucionária um tanto distanciada do poder, ao mesmo tempo utópica e de intervenção directa no dia a dia, quer do ponto de vista crítico, quer no da acção, como ela dizia em dedicatória «o desejo de construir juntos um mundo muito melhor».

Nessa mesma altura, tivemos outro encontro raro com o general Arnaldo Tamayo Mendez, também ele um mito da Odisseia Moderna, ou seja, um cosmonauta, além disso deputado e responsável pelas relações internacionais das Forças Armadas Cubanas. Fez-nos uma explanação fluente e bem estruturada da situação política, económica e social à qual sucederia uma troca de opiniões muito franca que parecia denotar traços de abertura na direcção política, ou uma ilusão nossa, tendo em conta as condenações que estavam na forja.

A Ilha encantada. Os quatro dias de Havana souberam a pouco. Ao quinto dia deixamo-la insaciados, com programas por cumprir, com revisitações por fazer, com o seu feitiço inacabado O perigo de viajar é também o perigo de ancorar. Talvez invejássemos o jornalista Miguel Urbano Rodrigues que por lá se fixou e que na Embaixada de Portugal nos confrontava com uma fidelíssima apologia do pensamento de Vasco Gonçalves, segundo ele, digno de exportação para o Mundo e para a América Latina em particular, ou seja, continuamos a ancorar como no tempo das Descobertas, já não levamos a Cruz, continuamos a levar as nossas ilusões. As que nos diziam respeito teriam mais a ver com a Felicidade essa luminiscência indefinida que trazemos à frente do nariz e que perseguimos por todo o lado.

Um programa é sempre irritante, mas traz a vantagem de nos obrigar a partir e, na verdade, as primeiras andanças pelo resto de Cuba foram propícias a novos encantamentos.

Nesse dia e nos seguintes, iríamos ter uma visão do interior e uma noção distanciada do mundo rural. Há um espaço relativamente ordenado, principalmente de pomares, plantações de tabaco e de açúcar que não agridem excessivamente a paisagem e o mundo natural; todavia, vimos poucos sinais de uma actividade que responda à carência de alguns bens alimentares na população, talvez por falta de meios para investir na produção, em redes de distribuição e de transporte. Com essa interrogação e com pena de não vermos o povo cubano saciar-se dos alimentos que temos em excesso na Europa, fomo-nos saciando nós nos sucessivos panoramas que a vista alcançava, bem acomodados no autocarro, com a condução serena do nosso motorista Juan Leme e as explicações da Niurca. Os dorminhocos começaram a reunir um largo quorum e os das cantorias lá os iam acordando às vezes.

A paisagem foi sempre variando em espaços abertos, montanhosos, de floresta, de arborização espinhosa, de árvores imponentes, de flores incontáveis, de uma orla costeira muito recortada, com enseadas de todos os tipos, arenosas, lodosas, de vegetação aquática, em suma, exuberante.

Rumámos ao Palácio Del Valle onde a avalanche de turistas não era propícia à refeição requintada que os seus arabescos arquitectónicos pareciam sugerir. Fomos compensados de um almoço tardio e vulgar pela iguaria oferecida aos nossos olhos a partir dos seus privilegiados terraços, um quadro grandioso de mar e serra numa atmosfera de paz e tranquilidade.

Não foi de admirar que num ambiente daqueles houvesse mágicos de Aladino de onde, repentinamente, saltasse uma figura inolvidável. A Carmencita.

Logo à entrada, algo de fascinante se desprendia do seu exótico turbante, do piano dedilhado com a displicência de uma peregrinação por mil bares, num revivalismo musical que lembrava os velhos paquetes transatlânticos e com trejeitos que davam o seu tom à substância das peças.

O apetite que trazíamos não permitiu que muitos dessem conta dela; com a barriguinha já cheia, o grupo foi-se chegando, a Carmencita esmerou-se e, emocionada com os portugueses e as suas recordações do Estoril, acabou nos braços do Mário que aguentou galhardamente a fogosa declaração de amor da vetusta dama. Se a «ancianofilia» prosseguisse, o nosso companheiro, ou carregava com ela, ou poderia a esta hora estar preso preventivamente.

Num dia de emoções fortes, nada melhor do que chegar à tranquilidade de Cienfuegos e ao requinte do Hotel Union, primorosamente recuperado.

No acesso aos excelentes quartos cumpria-se um ritual com toalhas artisticamente enroladas como se fossem cisnes e que as «camareras» nos dedicavam a visar os efeitos mágicos de a decifrarmos em dólares na despedida. Assim foi e assim continuaria a ser.

Apesar de nos proporcionarem uma «Grande Farra», fomos muito comedidos

Depois de deambularmos tranquilamente à luz de um entardecer dourado, fomos ao jantar num bom ambiente, com um excelente e bem-humorado grupo musical a animar-nos. O programa prosseguiu, vejam bem, com uma passagem de modelos. Ainda dizem que Cuba não mudou!

Os dois dias que se seguiram fizeram-nos viver o passado colonial da Ilha, entre os esplendores barrocos de uma classe opulenta que vimos em Trinidad e a servidão simbolizada pela sinistra Torre Manaca Iznaga destinada a vigiar os escravos que trabalhavam nas plantações de cana do Valle de los Ingenios. Desse tempo falava a arquitectura em geral, a frescura e graciosidade dos pátios andaluzes, de um lado, os gradeamentos e a imagética pesada das igrejas, do outro.

Há nomes que nos caem no goto, como se costuma dizer. Era o caso da Finca Maria Dolores que nos prometia qualquer coisa de inusitado. Não foi tanto assim, se bem que o ambiente fosse agradável e o sítio bem bonito e arranjado. Talvez o corpo nos estivesse já a pedir uma boa «banhoca» de mar e assim acabaria o dia em Ancón, com alguma decepção, porque as águas turvas não eram muito entusiasmantes, porque o jantar teve de ser disputado num certo frenesim turístico e porque o tempo começou a dar mostras de se afirmar no seu lado caprichoso.

Tudo ia decorrendo com animações musicais pelo meio e assim iríamos continuar na viagem que prosseguiu no dia seguinte para a cidadezinha de Remédios, simpática, acolhedora e que, coitada, só nos não deu remédio para o tempo. A visita à igreja, que teve um guia de conversa apaladada, trouxe-nos algumas surpresas, uma Nossa Senhora tão «embarajada» como a Senhora do Ó, uma santa com cara de homem e um Cristo pensador.

Nesta fase, visitamos o original museu instalado na composição ferroviária descarrilada no âmbito da operação de guerrilha em Santa Clara e o Memorial de «Che» Guevara de que já se falou. Encerrar-se-ia de forma aprazível no Hotel Los Caneyes, um espaçoso recinto de residências dispersas rodeadas de árvores, de palmeiras, de maciços florais e trepadeiras que só tivemos pena de deixar tão apressadamente no dia seguinte.

Aquele era de facto o sítio mágico para a festa dos quinze anos da Glendiz Trimiño, uma encantadora jovem do povo vestida de branco como uma noiva e que ali comemorava o dia mais importante da vida de qualquer cubana, um costume de sabor pagão bem interessante. Por isso a fotografamos e assim ficou na nossa memória, como já tinha ficado uma outra em Havana, lindíssima, de traje também vistoso e rubro.

Os quatro dias em Havana souberam a pouco

Varadero, a girândola final. A Varadero todos vão varar e nós também, porém, ao contrário dos vinte quilómetros de praias ensolaradas dos cartazes turísticos, desfilamos quase até ao fim dos seus quarenta hotéis, fustigados por um tempo agreste e ventoso.

Íamos destinados ao Hotel Arenas Doradas, imagem sugestiva que nos trazia presos pelo beicinho e, quando nos mudaram para o Coralia Club Playa de Oro, um nome que parecia um comboio de mercadorias, houve quem contestasse.

Após aquela chegada de mau tempo e controvérsia, a verdade é que fomos sendo conquistados pelos espaços amplos e pelo serviço que nos prestavam com toda a alimentação e bebidas à descrição. Por fim, correndo que o hotel pertencia ao grupo Amorim, já enchíamos o peito mal lembrados de que o capital não tem pátria ou, pior ainda, terá só uma.

Apesar de nos proporcionarem uma «Grande Farra», a verdade é que fomos muito comedidos e os empregados do bar, habituados a estrangeiros que não davam tréguas à garrafeira, de tanto café que bebíamos, alertavam-nos para o perigo de ficarmos com a pele tão escura como a deles.

O que perdíamos nos copos, ganhávamos em passeatas. No intervalo das «banhocas» que tiveram de se ajustar à meteorologia, fizemos circuitos em tudo quanto se mexia e nos dava assento, charretes, autocarros panorâmicos, trens rebocados e até «cocos», aqueles triciclos semi-voadores que por lá andavam.

O S. Pedro viu que nem o mau tempo nos desanimava e mudou de ideias, contemplando-nos com um final de festa em fato de banho e uns mergulhos, como que a dizer, voltem cá que isto é mesmo bom. Afinal o Fidel não está assim tão mal visto lá em cima e por isso o Papa lá foi.

Entre o viajar e a paródia foi nascendo a camaradagem, assim como a amizade. Um grupo com mais de trinta pessoas, em que poucas se conheciam entre si, foi bom exemplo de como se convive e se criam aqueles laços profundos que são o sal da vida. Um final feliz.

Declaração de Amor. Não será por acaso que a Palmeira Real, aprumada e altiva, se diz símbolo de Cuba, como também se diz da Mariposa, uma flor branca e viçosa. Na verdade, nem o facto de ser, há várias décadas, um país acossado, nem os seus problemas e dificuldades lhe tiram a energia vital, o fascínio e a dignidade.

Se pudéssemos beijá-la como o príncipe à Branca de Neve, todos o fariamos, cada um à sua maneira, para a vermos desperta, ainda mais bela.

Que quer isto dizer... a não ser Amor ?

Hasta Siempre. ■

Convites feitos à A25A

No último trimestre a Associação 25 de Abril e a sua direcção receberam os seguintes convites:
ABC CINE - Clube de Lisboa – Ciclo de cinema «Guerra e Paz», 21-30-05-2003.
Associação dos Deficientes das Forças Armadas - Inauguração da exposição internacional de pintura, 12-07-2003
Associação Escadote Cultural – 1ª Mostra de Artes Plásticas de Vila Nova de Ceira, 18-08-2003; Inauguração da exposição de pintura de Henrique Tigo «Evocando vultos da Cultura Portuguesa», 3-07-2003; inauguração da exposição de pintura de Manuel Pina, 14-07-2003; debate «Evocação de Bento Gonçalves» por Edmundo Pedro, 27-06-2003.
Associação Teatro Construção – apresentação do espectáculo «Benardino Machado Um Homem Livre», 18-06-2003.
Câmara Municipal de Almada – descerramento das placas toponímicas de homenagem ao Resistente Anti-Fascista Eleutério Teixeira, 14-09-2003; Festival de Almada 2003, 04-18-07-2003
Câmara Municipal do Barreiro – inauguração da exposição 60º Aniversário da Greve de 1943 no Barreiro, 27-07-2003.
Câmara Municipal de Oeiras – Homenagem aos Militares do Concelho de Oeiras, 10-06-2003
Clube de Praças da Armada – Comemoração do Dia do Clube, 16-08-2003.
Cooperativa Gravura – inauguração da exposição colectiva da sua história de 1956 até 1991, 08-07-2003.
Editora Nzila - apresentação do livro «A Saúde do Morto» de Luís Fernando, 17-07-2003.
Editorial Caminho – apresentação do livro «O Senhor Henri» de Gonçalo M. Tavares, 25-07-2003; apresentação do livro «Cabo Verde – viagem pela história das ilhas», 02-07-2003; apresentação do livro «As duas sombras do Rio» de João Paulo Borges Coelho, 10-07-2003.
Embaixada da República Democrática de Timor-Leste – Recepção – 20-05-2003.
Biblioteca do Estado-maior do Exército – Lançamento do livro «Imprensa Militar Portuguesa Catálogo da Biblioteca do Exército e Os Generais do Exército Português» (I volume), 08-09-2003
Festa do Avante – inauguração da 27.ª Festa do Avante, 5-6-7-09-2003.
Galeria Barata – Inauguração da exposição de pintura «Os artistas do Prémio de Pintura João Barata Felicitam-nos», 21-06-2003.
União de Resistente Anti-Fascistas Portugueses – Homenagem ao comandante Ramiro Correia, 24-07-2003.
Temas e Debates – lançamento do livro «Um Mundo Inquietante» de Mário Soares, 16-07-2003. ■

PEV

POR LAPSO não foi incluído, no passado número, na secção Convites à A25A, o convite que nos foi endereçado pelo Partido Ecológico os Verdes para nos fazermos representar na sua Convenção, o que ocorreu na pessoa do director José Romano Pires.

Igualmente por lapso na local intitulada *Observatório da Democracia* arrancou com sessão em Coimbra não foi mencionada a presença da deputada Isabel de Castro, representante do PEV.

Ao PEV e à Dra. Isabel de Castro as nossas desculpas. ■

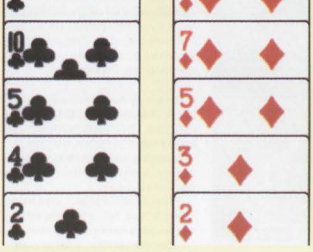
Ofertas recebidas na Direcção

No último trimestre, a Direcção da Associação 25 de Abril recebeu as seguintes ofertas:
Livros «A libertação dos povos» e «Trabalho e capital» de Norberto R. Keppe, oferta da Proton Editora; livro «As duas sombras do rio» de João Paulo Borges Coelho, oferta da Editora Caminho; livro «A saúde do morto», oferta da Editorial Nzila; Revista Crítica de Ciências Sociais nº 65 – Maio 2003; Revista – Semear – Cultura e democracia do Rio de Janeiro; escultura da autoria de José Aurélio, oferta da Comissão Executiva dos 25 Anos do 25 de Abril.
Feito este registo fica o agradecimento público da A25A. ■

Associados falecidos

No último trimestre registámos o falecimento dos seguintes associados: João Paulo do Nascimento Osório n.º 3012 (sócio efectivo); António Pereira Marinho Dias n.º 366 (apoiante), e de Jerónimo dos Santos n.º 734 (apoiante).
Às famílias enlutadas apresentamos sentidas condolências. ■

III Troféu de Bridge 2003/2004



Dando continuidade à tradição de promover a prática do Bridge propomos que venham divertir-se participando no Trofeu que organizámos para e época de 2003/04.
A prova integrará 8 sessões de pares open, a realizar na sede da A25A, pelas 21h15, nas seguintes quartas-feiras:

15 de Outubro de 2003	18 de Fevereiro de 2004
12 de Novembro de 2003	17 de Março de 2004
10 de Dezembro de 1003	14 de Abril de 2004
21 de Janeiro de 2004	19 de Maio de 2004

Prémios para os pares vencedores de cada sessão (N/S e E/W).
Classificação final acumulada, considerando os 6 melhores resultados obtidos, com prémios para os 4 primeiros classificados e para os 2 sócios da A25A com melhor pontuação (não acumulável).
Arbitragem de António Eanes.
Casos particulares resolvidos de acordo com o regulamento específico.
Resultados homologados pela FPB.
Telef. 213 241 420 (para inscrições ou informações)
Possibilidade de utilização do restaurante da associação

Vamos aprender Bridge! (60)

LUÍS GALVÃO

OS PRINCÍPIOS gerais que servem de base ao carteio são, naturalmente, os mesmos quer se trate de contratos trunfados quer em sem-trunfo. Convém, no entanto, que os jogadores tenham a clara noção que a especificidade de cada um desses tipos de contratos requer diferentes técnicas para resolver as questões que se colocam à mesa de jogo.

O artigo de hoje procurará alertar exactamente para as notórias diferenças existentes na solução dum mesmo problema ou manobra quando se trata de cartear um jogo em ST ou em TRUNFADO.

1 – O carteio
1.3 – O carteio em trunfo
1.3.5 – Plano n.º 3: jogos de vasas de honra (eliminar e pôr em mão)

Eliminar a existência das cartas de um ou de vários naipes e colocar posteriormente em mão o ADV é uma técnica básica do carteio que tanto pode ser utilizada quando se joga em ST como quando se tenta cumprir um contrato trunfado.

Quando o carteador a aplica num contrato em ST deve procurar eliminar determinados naipes nas mãos dos seus ADV por forma a que, quando lhes der intencionalmente a mão, estes se vejam impedidos de jogar esses naipes e, logicamente, obrigados a mexerem no naipe ou naipes que interessam ao carteador que os ADV joguem, obviamente que com intencional proveito para este jogador (ver Artigo 53, publicado no n.º 63 de *O Referencial*).

Como iremos constatar, quando a mesma manobra técnica for utilizada no carteio dum contrato trunfado, o objectivo do carteador não será sempre o de eliminar determinados naipes nas mãos dos ADV, mas sim de o fazer nos jogos existentes na sua própria linha, isto é, na sua mão e na do morto.

Se ELIMINAR esses naipes da sua linha e PUSER EM MÃO um dos ADV, este é, naturalmente, obrigado a jogar para os naipes restantes (o que interessa ao carteador) ou, se o não quiser fazer, terá que se sujeitar à desagradável sensação de oferecer um «corta e balda» o que, na prática, conduz ao mesmo resultado, que se pode traduzir na oferta, em bandeja de prata, de uma vasa ao carteador.

O princípio geral é o mesmo (ELIMINAR E PÔR EM MÃO) mas a manobra técnica é específica quando se carteiam jogos em ST ou com TRUNFO, como alertámos na abertura do artigo!

Deixemos agora a teoria e passemos à apresentação prática desta manobra de carteio.

Consideremos a seguinte mão:

♠ R94
♥ R10852
♦ A104
♣ R3

N
W E
S

♠ A52
♥ AD963
♦ RV3
♣ A7

Contrato: 6♥
Saída: D♣

Estendido o morto, o carteador identificou a mão de N como um JOGO ESPELHO do existente em S, isto porque a distribuição dos naipes era idêntica nas duas mãos, daí a ideia de imagem reflectiva, como se dum problema óptico de tratasse. Os JOGOS ESPELHO apresentam como característica dominante a impossibilidade de apurar cartas em qualquer um dos naipes que permitam a balda de perdentes existentes na outra mão. São pois jogos com DISTRIBUIÇÕES limitativas e incómodas.

Contabilizadas as PERDENTES, relativamente a S (se fosse em N seria idêntico) o carteador encontrou:

- 1 a ♣ (INEVITÁVEL)
- 1 a ♦ (EVENTUAL)
2 Vasas perdentes

Como fazer desaparecer a segunda perdente será a única questão que se coloca ao carteador. Uma forma, que saltará imediatamente aos olhos dos jogadores menos avisados, será a de fazer a passagem à D ♦ , colocando, assim, o cumprimento do contrato exactamente a 50%, porquanto a carta em apreço tem tantas hipóteses de estar à esquerda como se encontrar na posse do ADV da direita.

É óbvio que a melhor LINHA DE JOGO deverá ser a que se baseia na manobra técnica da ELIMINAÇÃO E COLOCAÇÃO EM MÃO, a qual apresenta uma probabilidade de sucesso de «apenas» 100%!

Encontrada a solução vejamos como se processaria o carteio: Feita a vasa de saída (não importa se no morto ou na mão) o carteador iria seguidamente tirar os trunfos ao ADV após o que eliminaria os ♣ , batendo a grande figura existente na sua linha e iria jogar A e R de ♠ e entregar a mão na terceira e última carta de ♠ .

O ADV que ficasse em mão (não importa qual!) via-se obrigado ou a jogar ♦ , resolvendo o problema da localização da D, ou a dar um «corte e balda», ao jogar ♠ ou ♣ , o que originaria o desaparecimento da eventual perdente a ♦ e o cumprimento do contrato.

Eis as mãos completas, apenas como curiosidade, dado que as distribuições ADV não têm qualquer influência no resultado do golpe apresentado

♠ R94
♥ R10852
♦ A104
♣ R3

♠ V86
♥ V7
♦ 765
♣ DV1092

N
W E
S

♠ D1073
♥ 4
♥ D982
♣ 8654

♠ A52
♥ AD963
♦ RV3
♣ A7

Será a análise das cartas existentes na linha, conjugada com o leilão e a saída, que irão «aconselhar», como já dissemos, a mais adequada LINHA DE JOGO. Não poderei, no entanto, deixar de referir que mãos tipo ESPELHO ou mãos com grande número de trunfos em linha são, *normalmente*, propícias para a aplicação da manobra da ELIMINAÇÃO E COLOCAÇÃO EM MÃO. Recomendo, pois, que quando estiverem perante mãos desse teor se interroguem se não será de aplicar este tipo de carteio, sobretudo se detiverem naipes como:

Dxx frente a Vxx
AD9 frente a xxx
RVx frente a A10x
R9x frente a D10x
Rxx frente a AV9

Sempre que puderem «obriguem» os ADV a jogar para essas combinações de cortes e «evitem» ser vós a mexer nesses autênticos barris de pólvora!

Até ao próximo número.

N.R.: Comentários às questões levantadas no último artigo.

Se o ADV sair a ♥ (trunfo) inviabiliza o completo desdobramento dos trunfos, pelo DUPLO CORTE. A aplicação dessa manobra conduziria o carteador para um total de 11 vasas (7 trunfos + 2 ♠ + 1 ♦ +1 ♣).

Para encontrar a 12.ª vasa, o carteador teria que colocar o R♣ em E (HIPÓTESE DE NECESSIDADE) e tentar a passagem, apesar de apenas ter uma carta seca em N. Se o R♣ estiver em E ganha o contrato, se estiver em W leva o segundo cabide. O risco justifica-se face aos valores em jogo (mais um cabide contra a marcação do prémio do chelem cumprido é uma boa aposta!).

XXV
ABRIL
1974
25
A
POESIA ESTÁ NA RUA